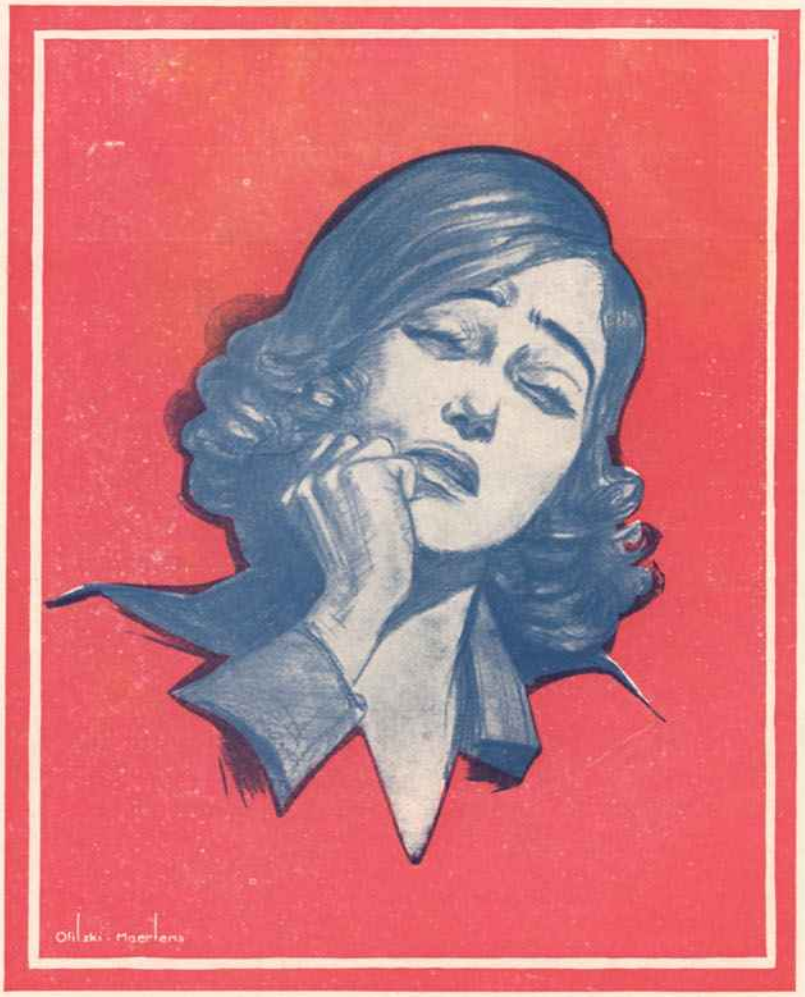
ILUSTRAÇÃO

3.º ANO
NÚMERO 50

Lisboa, 16 de Janeiro de 1928

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

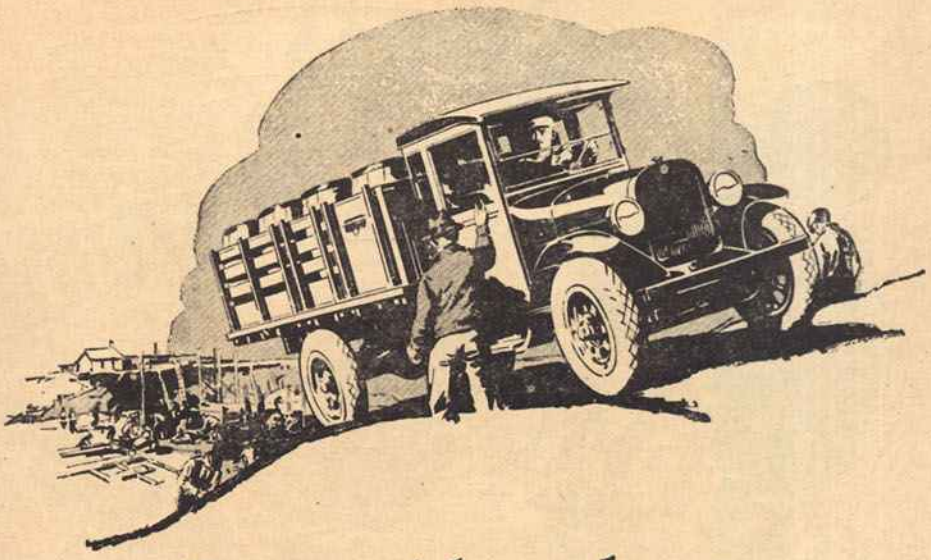


Veramon
Schering

acalma as dôres

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansanço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despeza insignificante e tirara d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.*

80316322



Força Abundante E Grande Duração

Os auto-camions Graham Brothers mostram as suas superiores qualidades em toda a parte onde os caminhos se apresentam em peor estado.

Possuem o afamado motor Dodge Brothers, que lhes fornece força abundante e segura, e a par d'isto um soberbo chassis, construido para muitos annos e kilometros de serviço arduo e violento.

A producção em massa habilita a casa Graham Brothers a offerecer tal riqueza de materiaes resistentes n'um camion de tão modico preço—aço de liga de primeira qualidade em todos os pontos susceptiveis de esforço.

Os compradores exigentes de toda a parte reconhecem o merito d'estes carros.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA PORTO LOANDA

CAMINHÕES GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA DIVISÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC. VENDIDOS POR AGENTES DODGE BROTHERS EM TODA A PARTE

TODAS
AS
GRAVURAS
DA ILUSTRAÇÃO
SÃO
FEITAS
NA
CASA
BERTRAND IRMÃOS
LDA
TEL. T. 96
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

SÉDE — RUA DO COMÉRCIO — LISBOA

Capital Realizado — Esc. 50.000.000$00 Reservas — Esc. 42.000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE :— Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Pôrto, Régua, Santarém, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo António, Vila Real de Trás-os-Montes, Viseu.

MADEIRA — Funchal. AÇORES — Angra do Heroismo e Ponta Delgada. CABO VERDE — S. Vicente e S. Tiago. S. TOMÉ — PRINCIPE — GUINÉ — Bissau e Bolama.

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga: BANCO DE ANGOLA com Filial em Loanda, Agências em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Siva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes e Sá da Bandeira (Lubango), Kinshassa (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL — Beira, (Agência) Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chimoio, Quelimane e Ibo. INDIA — Bombaim, Mormugão, Nova Gôa. CHINA — Macau. TIMOR — Dili. BRASIL — Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará, Manaus. INGLATERRA — Londres. FRANÇA — Paris. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA Agência em New-York.

Operações bancárias de tôda a espécie no Continente, Ilhas adjacentes Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

TELEFONES: N. 190 e 1840 TELEGRAMAS: ROFON

ROQUE DA FONSECA, L.DA

MATERIAES DE CONSTRUÇÃO

MADEIRAS — DROGAS — FERRAGENS

LISBOA Rua Visconde Valmôr, R. F.

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA

RAPIDEZ

Unicos representantes para Portugal e Colónias

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação

PREÇO 12$00

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a

27.ª edição de

EURICO O PRESBYTERO

Com dois apendices

Edição das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

DIAS, COSTA & COSTA

CASA BANCARIA

Estabelecida em 1874

76, 78, 80, 1.º, Rua Garrett

LISBOA

Telefones: C. 380, C. 2525, C. 2319

End. teleg.: «PUSHING» P B X

CONTAS CORRENTES,

DEPÓSITOS Á ORDEM E A PRAZO

CHEQUES, TITULOS

CAMBIAIS, COUPONS, DESCONTOS

CARTAS DE CRÉDITO

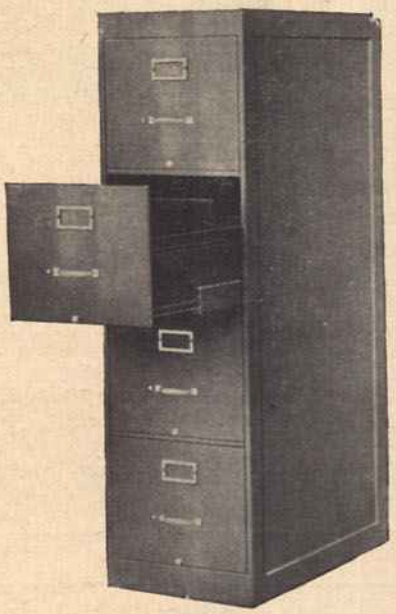
SECÇÃO DE SEGUROS

SECÇÃO MARITIMA

SECÇÃO DE TRANSITO

E DE MERCADORIAS

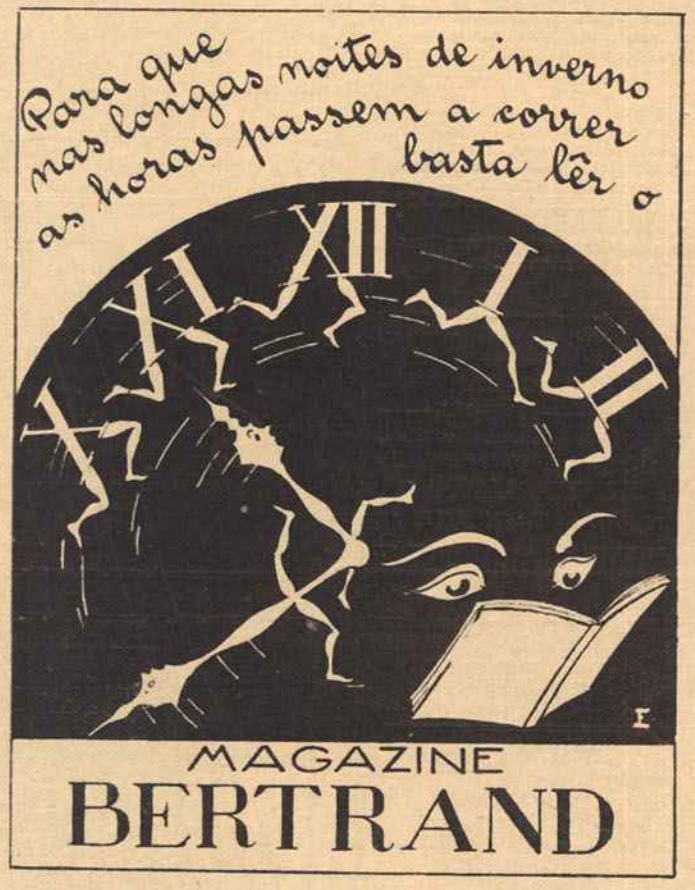
Usamos todos os principais códigos telegráficos

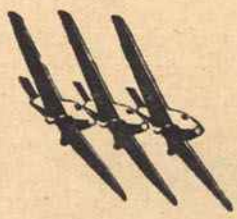


Para ter os seus papeis devidamente arquivados e protegidos contra fogo examine os moveis americanos no meu stand.

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10-LISBOA





S. A. P. Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID

com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: { 3.ª feira / 4.ª feira / Sábado } 10,30 horas

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

Tamanho real do volume

DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO
publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)
LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
144 — Rua das Carmelitas — PORTO
DEPOSITÁRIOS EM LISBOA:
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — *R. Anchieta, 28*

Língua portuguesa, Artes, Letras, Sciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de tôdas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuidas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a côres, etc. — Preço do volume encadernado, 40$00. Pelo correio, registado, mais 4$50.

ULTIMAS OBRAS PUBLICADAS

PELA

MAIS ANTIGA E MELHOR COLECÇÃO

DE

LIVROS TÉCNICOS PORTUGUESES

ELEMENTOS DE METALURGIA

é um volume de 424 páginas, com 121 gravuras, em que o seu autor, o sr. João Emílio dos Santos Segurado, desenvolveu proficientemente todos os assuntos de que trata, tais como: Combustíveis, operações metalúrgicas, fabrico do ferro e do aço, descrição dos metais mais vulgares, dando àcêrca de cada metal as suas propriedades, a sua análise química, os minérios susceptíveis de o produzir, os diversos processos de preparação e os diversos fornos e aparelhos usados.

1 volume, encadernado em percalina..... 20$00

MANUAL DO MARCENEIRO

é um dos mais interessantes livros publicados ultimamente. O seu autor, sr. João Pedro dos Reis Colares, desenvolveu, com a grande competência de um profissional distinto, todos os assuntos que dizem respeito ao artista marceneiro, de forma tão clara, que torna êste livro muito útil também a tôdas as pessoas que queiram ter conhecimento dêste atraente ofício. Igualmente o amador de móveis encontrará nele um repositório dos estilos principais usados no mobiliário, sem ter de recorrer a custosas publicações estrangeiras.

Um volume, encadernado em percalina, com cêrca de 300 gravuras no texto e um album de mobiliário artístico ..... 20$00

MANUAL PRÁTICO DO FOTÓGRAFO

PELO SR. ANTÓNIO DAMASO DAS NEVES

É o último livro publicado em português sôbre fotografia, que nos dá os conhecimentos técnicos dos diversos processos usados até a actualidade. Nele encontramos uma pequena descrição histórica, descrição do material fotográfico, laboratório e gabinetes escuros, galerias, processos de fotografia, objectivas, variedades fotográficas, etc.

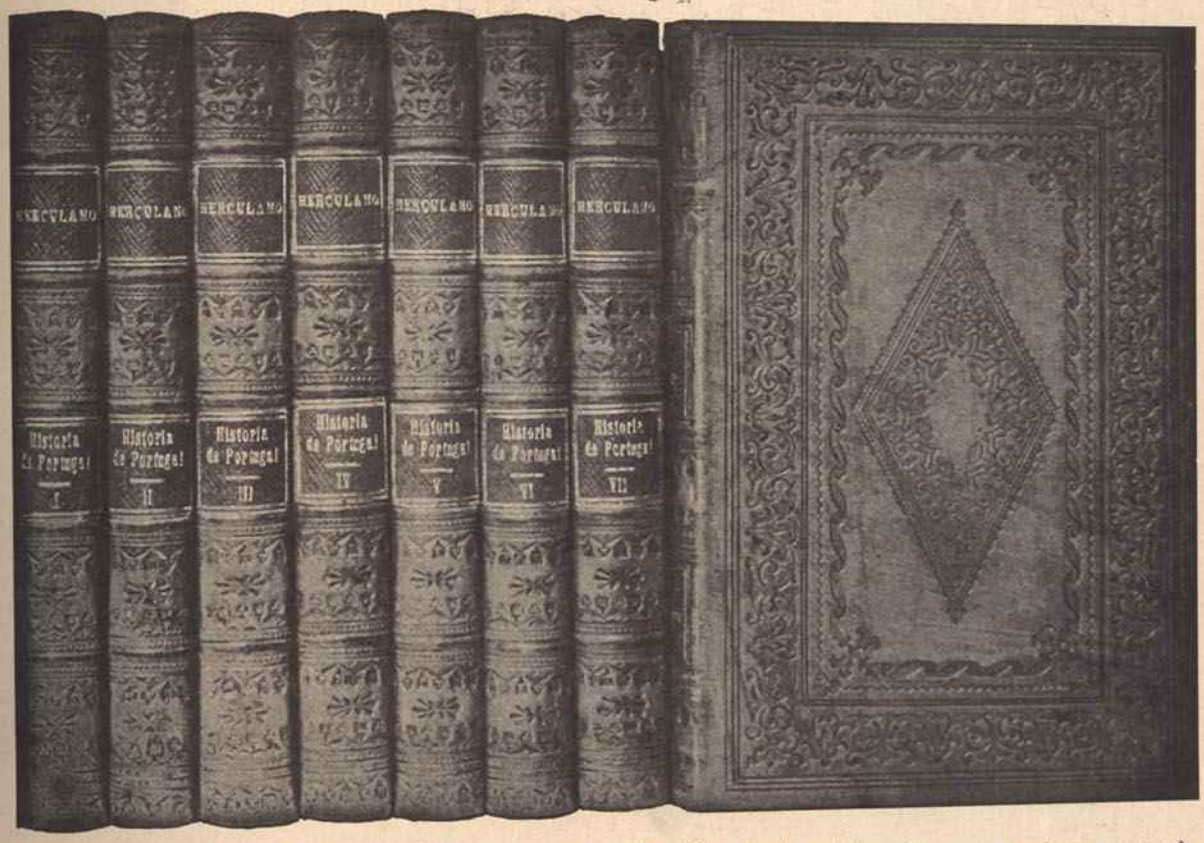
Um volume encadernado em percalina, de 200 páginas, com bastantes gravuras elucidativas..... 12$00

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 × 18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

ACABA DE SAIR O VOLUME VIII (ULTIMO)

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS — incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura . . . . . Esc. 10$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . Esc. 14$00

Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado . . . Esc. 25$00

BRAZIL — incluindo despesas do correio:

Brochado . . . . . Esc. 12$40

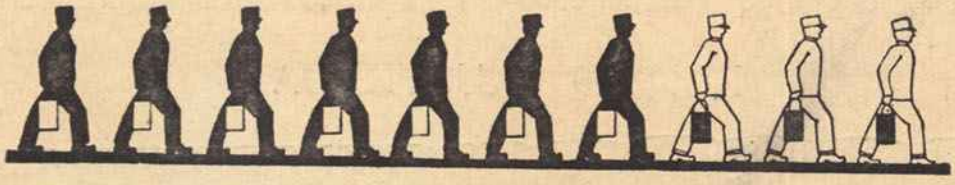
Encadernado em percalina . . Esc. 16$40

» » carneira. . . Esc. 27$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



As razões por que em Portugal entre 10 automobilistas — 7 usam GARGOYLE MOBILOIL

São que estes oleos asseguram:

1.º, Perfeito funcionamento do motor; 2.º, Menor desgaste; 3.º, Economia em reparações, 4.º, Economia em combustivel.

Em virtude de serem

1.º, extraidos de petróleos brutos escolhidos; 2.º, refinados por um processo especial que lhes garante a conservação das propriedades lubrificantes, 3.º, empregados conforme as condições de funcionamento de cada marca de motor

REFINARIAS
BAYONNE (N. J.)
PAULSBORO (N. J.)
OLEAN (N. Y.)
ROCHESTER (N. Y.)

Mobiloil

Guie-se pela nossa tabela de recomendações

Vacuum Oil Company

RUA DA HORTA SECA, 15 - 1º (TELEFONE 980 TRINDADE (5 LINHAS)

EMMERICO H. NUNES—Rochêdos sobre o mar

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25--Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR-TÉCNICO: JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.º — NÚMERO 50.
PUBLICAÇÃO QUINZENAL
16 DE JANEIRO DE 1928

A QUINZENA, EMBORA PACATA, OFERECEU INTERÊSSE À REPORTAGEM. DEIXANDO PARA OUTRO LUGAR A RESENHA GRÁFICA DO FUNERAL DO ILUSTRE COMANDANTE JOÃO BELO, QUE FOI MINISTRO DAS COLÓNIAS, DEIXAMOS AQUI ARQUIVADOS OS FACTOS QUE SE NOS AFIGURAM MAIS IMPORTANTES, OU SEJAM: O DESEMBARQUE EM LISBOA, COMO SIMPLES TURISTA, DO EX-TZAR FERNANDO DA BULGÁRIA; O CHÁ QUE O SR. MINISTRO DA GUERRA OFERECEU À OFICIALIDADE E QUE FOI POLITICAMENTE SIGNIFICATIVO, E UM ASPECTO PITORESCO DO PROTESTO DOS «CHAUFFEURS» DE PRAÇA, ANTE O MUNICIPIO *(Foto M. Novais)*

CRÓNICA DA QUINZENA

Muito novo ainda e como tantos outros portugueses amantes do seu país, o comandante João Belo tomou para guias e mestres de civismo dois homens que muito amaram e muito bem serviram Portugal, dois caracteres da têmpera dos heróis, duas vítimas da contradição trágica entre o seu destino e o seu tempo: Mousinho de Albuquerque e João Franco.

Essa contradição trágica ninguém a definiu, nem poderá jámais definir melhor do que o fêz Tito Lívio, resumindo em meia dúzia de palavras da contensa língua latina a situação psicológica do Império Romano decadente: *Nec vitia nec remedia pati possumus.* Não nos resignamos aos males que sofremos, e não podemos tragar os remédios que os curariam...

Assim se explica que uma pobre nação que quer viver assassine inconscientemente os poucos que poderiam salvá-la. Assim se confirma que o herói triunfante é afinal menos heróico do que o malogrado: um, venturoso, foi o simples regente de uma orquestra unissona; o outro, infeliz, tentou em vão lutar, sózinho ou quási, contra o ímpeto da corrente contrária. A História e a Posteridade, sedentas de êxito e eficácia, recebem o primeiro entre os seus braços imortais; o outro fica enterrado nos corações que pulsaram pelo ritmo do seu. Assim viveram Mousinho e João Franco no coração de João Belo, até que êle deixou de bater.

* * *

Na tarde de 31 de Dezembro passado encontrámo-nos sem combinação prévia, o conselheiro João Franco e eu, à beira do leito de João Belo, na casa de saúde de Benfica.

O corpo do doente, que antes era largo e robusto, avultava agora pouquíssimo sob as coberturas; mas, pior sintoma ainda, o seu temperamento, normalmente calmo e reservado, desbordava-se em exaltação e eloqüência. Falou e falou sempre, cheio de vida, o moribundo João Belo. Falou quási que só êle, durante a meia hora que ali estive. Falou com a mesma exuberância de mau agoiro com que se desentranha em flores, mais que nunca, a árvore que vai secar e morrer depois da sua última primavera.

Falou da sua doença, mas em tom de segurança e triunfo, como quem a venceu já de todo e quer aproveitar ainda melhor que antes a saúde, certa e próxima a voltar. Falou com comovedora ternura cívica — digamos assim — ao seu antigo e sempre querido chefe de outrora, recordando episódios políticos de há vinte e cinco anos, e lamentando que aquele digníssimo homem público não possa intervir de novo na política activa. Mas falou principalmente dos negócios da sua pasta: do que tinha feito e contava fazer, das suas relações e discussões oficiais com a União Sul-Africana, da posição de dignidade e vantagem em que tratara de colocar o País perante vizinhos ou competidores poderosos. E esperava estar são e forte no próximo dia 19 de Janeiro, para poder fazer, perante os almirantes ingleses que por essa data visitarão Lisboa, um importante discurso de política ultramarina...

* * *

Três dias depois morria, em pleno sonho, talvez melhor em pleno delírio ou êxtase de actividade cívica, de trabalho patriótico, de serviço dedicado e fervoroso ao seu país.

Informações da imprensa diária, o testemunho do sr. ministro da Instrução, tudo convérge para mostrar que o mesmo que eu vi e ouvi se reproduziu nos dias seguintes: que João Belo se estava queimando na febre de bem fazer e bem servir. Essa febre não ardia no termómetro; mas apagou-lhe o coração.

«Segundo o clínico que lhe assistiu nos últimos momentos (assim diz um jornal) o sr. comandante João Belo foi vitimado por uma lesão cardíaca, que há muito tempo o consumia lentamente». Agrada-me antes acreditar, com vénia da sciência, que êle morreu por ter um coração que às peçonhas políticas resistiu ileso e que nenhum scepticismo travava: um coração perfeito e robusto de português. Qualquer vida acaba porque o coração pára; uma nobre existência, fervente em nobres ansiedades, pode acabar assim: com o coração a estalar de vida, da melhor vida, da vida do entusiasmo e do ideal.

* * *

Morreu João Belo como vivera: amando a Pátria e tomando a sério, religiosamente, o dever de servir Portugal.

— ¡Ladrão de si mesmo e dos seus! dirão os cínicos. Vinte e sete anos de África e, afinal, a viúva e três órfãos num quarto andar mesquinho, com poucos mais haveres do que os móveis modestos que o guarneciam...

E então, senhores? ¿Cuidais que só se herda a riqueza e que o legado mais frágil não é o dinheiro mal ganho?

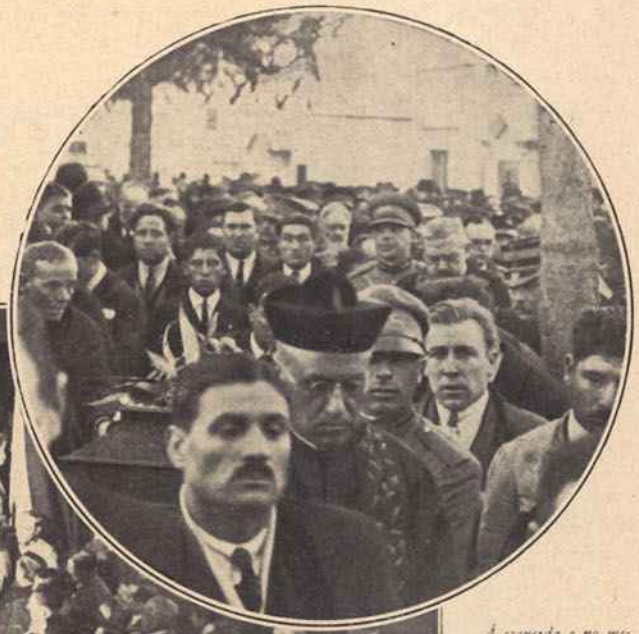
Se um pai mascarou de patriotismo a sua audácia insolente, o seu espírito de cobiça e de intriga, a sua fome de oiro ou prazer, os filhos poderão herdar um palácio na praça ou na alameda; mas, pobres de exemplo e caráeter, é fácil que lhes não sirva de muito isso a que o provérbio chama «os bens do sacristão, que vêem cantando e, cantando, vão».

Sem ter posto nunca os pés nas colónias, êste homem exemplar podia, como tantos outros, ter vivido à sombra delas (oh, muito à sombra!) em farta abastança, passeando antes nas metrópoles finas ou amenas, e com margem para deixar ainda bem retesado o saco esterlino. Mas a pobreza é mais tónica do que o oiro, e, mais tónica do que nenhuma outra, é-o por certo essa pobreza heróica dos que morrem legando aos seus um nome límpido, uma fidalguia moral e uma norma de vida superior. Êsses fazem homens, e não apenas herdeiros; êsses duram mais, depois de mortos, do que os quinze dias precisos para se retirar e distribuir, sôfregamente, o dinheiro que os outros deixaram nos bancos.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

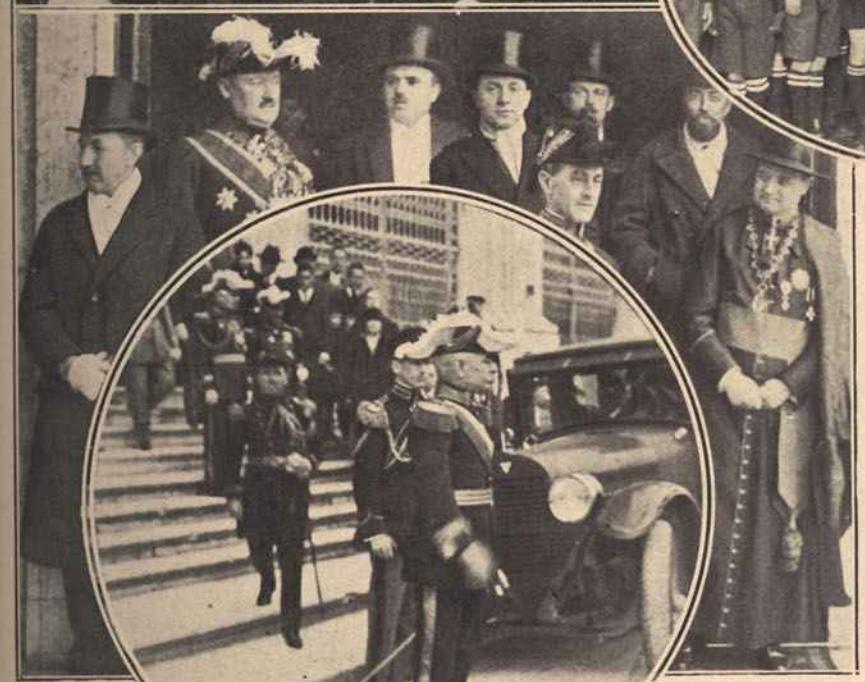
VIDA SOCIAL



À esquerda e no medalhão: Dois dos aspectos do funeral do falecido ministro das colónias, comandante João Belo, pranteado por tôdas as camadas sociais

Uma encantadora festa de alto significado foi a manifestação de respeito que, no dia de Ano Bom os pequeninos escoteiros tributaram a Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa D. Antonio Mendes Belo

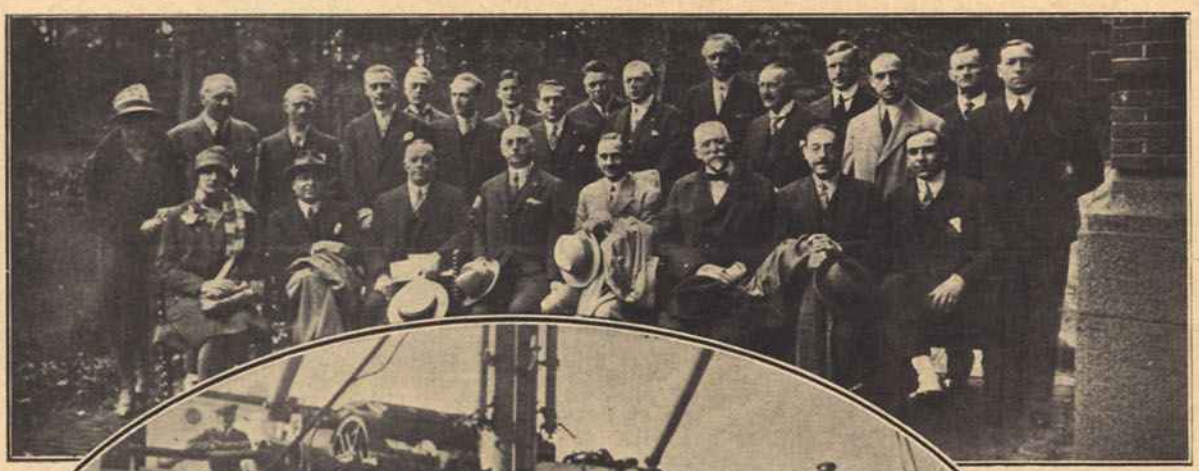
Fotos Novais

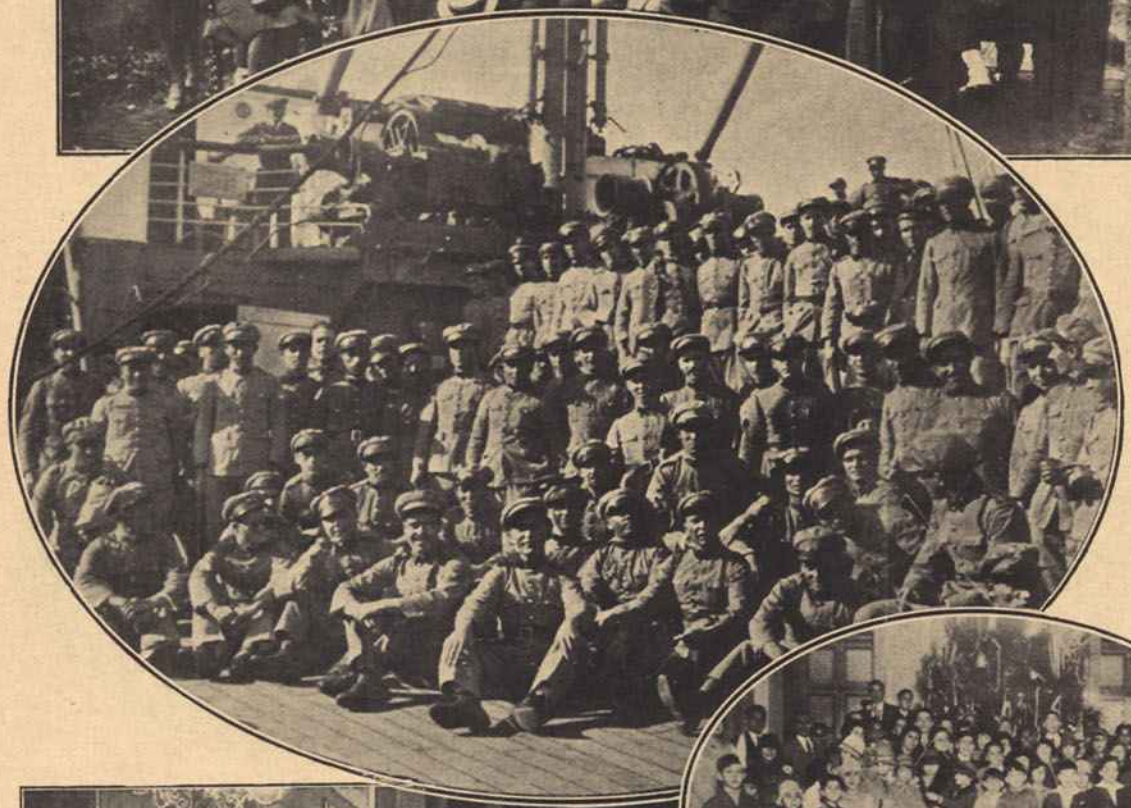


Como de costume em datas idênticas, o corpo diplomático acreditado junto do govêrno da República prestou as suas homenagens ao mais alto magistrado da Nação. As nossas fotos representam o sr. Presidente da República saindo do Palácio do Congresso e os srs. Núncio Apostólico, Ministros de França, Bélgica, Estados Unidos e encarregado de negócios do Brasil ao retirarem após os cumprimentos

EMBORA a sua actualidade não seja absolutamente flagrante, não podemos deixar ficar fora do arquivo das nossas páginas gráficas os documentos que aqui inscrimos. Referem-se êles à tradicional cerimónia oficial de Ano Bom, que êste ano teve um sólido significado, pela categoria e número das pessoas que compareceram nas recepções do sr. Presidente da República, e ao funeral do grande colonial e homem de bem que foi o comandante João Belo, cujo perfil é traçado na página anterior, com brilho e conhecimento. Restava arquivar o complemento das festas do primeiro do ano, a representação, em récita de gala, da nova ópera de Rui Coelho, *O cavaleiro das mãos irresistíveis*, sôbre um librêto de Eugénio de Castro, e que constituiu um triunfo para o seu talentoso autor. Infelizmente nem sempre os fotógrafos conseguem o que querem...

NOTAS DE ACTUALIDADE





Representantes das federações de esgrima no Congresso da Federação Internacional realizado em Hala. *No primeiro plano à direita:* Rodrigo Aires, representante de Portugal.

Na oval à esquerda: Chegada dos contingentes portugueses que se bateram na China.

Na oval, em baixo: Aspecto duma matinée elegante oferecida às crianças, na Liga Naval, por uma comissão de senhoras da sociedade lisboeta.

Os estudantes portugueses em Toulouse teem o seu «foyer». No grupo veem-se no 1.º plano: os senhores Ferré, proprietario do Grande Hotel du Progrès, Madame Calisto, Donat, consul de Portugal, Jorge Castello presidente do «foyer». No 2.º plano: Monteiro Neves, Mario Godinho, Paul Merlmée, Dr. João Calisto, Verol Frazão e Celorico Palma.

À direita: A primeira audição em Portugal de alunos de violoncelo realizou-se por iniciativa da eminente professora D. Albertina Sugner.

TEATRO

"S. JOÃO SUBIU AO TRONO"

GRANDE AUTO OU MISTÉRIO EM SEIS QUADROS, POR CARLOS AMARO

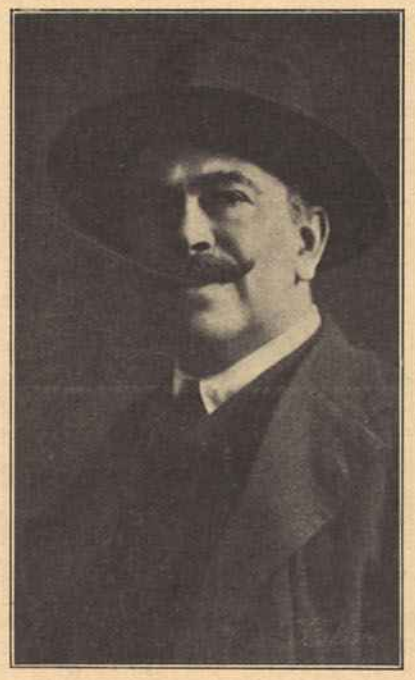
O sr. Carlos Amaro, que é um altíssimo poeta, com o ar de andar pedindo desculpa da sua alta poesia, acaba de rehabilitar a pobre poesia portuguesa, tão maltratada e derraneada nesta dôce terra de poetas.

Não curam estas despretenciosas notas de meter foice crítica em seára literária alheia. A outros, que não a nós, compete nestas páginas a função delicadíssima de comentar livros e poetas. Mas porque o seu grande «auto de S. Joãosinho» — e se a nós coubesse crismá-lo, assim lhe teríamos chamado à boa maneira vicentina — é essencialmente a obra dum dramaturgo que se desconhece, julgamos não exorbitar demasiadamente, aclamando êste livro como uma pura obra de teatro e fazendo-lhe um lugar àparte na nossa pobre dramaturgia.

De feito, como obra de teatro e destinada ao tablado, ela foi tôda concebida e talhada. A expressão poética que tomou, era tão naturalmente a sua linguagem própria, como o estado líquido o é da água das fontes. Aquela magnificente feeria de príncipes e princesas, cavaleiros e pagens, bruxas, pastoras, astrólogos, bôbos e estrelinhas de alva, pirilampos, cotovias e montanhas, todo um cosmos da mais rica fantasmagoria lírica que só num grande sonho de beleza um grande poeta podia incubar, em verdade, muito perderia do seu inefável perfume e da sua bendita claridade se não nos fôsse revelada na euritmia musical dos versos. A poesia é a linguagem dos primitivos. E a nós nos quer parecer que a mais pura virtude dêste grande conto de fadas, é a de tanto se assemelhar na frescura das tintas como na sóbria ingenuidade do desenho, a um formoso políptico dum primitivo — um Beato Angélico ou um Cimabué. A esta luz, para não estragarmos as palavras, não diremos que o auto do sr. Carlos Amaro é genial; mas afirmaremos tranqüilamente que êle é impecável, perfeito. Não se lhe descobre um deslise, uma falha, uma nódoa de mau-gôsto, uma imagem feia, uma intenção frustrada, quer na maravilhosa ternura dos seus versos, quer no desenvolvimento dramático dos seus quadros. Tudo é límpido, perfeito, manando com igual pureza da mesma riquíssima veia lírica, que é quási sempre heroica, quando não cabriola nos cimos difíceis dum transcendente e piedoso humorismo. Mais profunda e também mais transparente que *L'oiseau bleu* de Maeterlinck, por ter sido criada por um poeta meridional para crianças meridionais, esta pequena obra-prima ficará decerto no nosso folclore, como alguns dêsses contos de fadas ou rimances de cancioneiro que até nós chegaram, de geração em geração, por tradição oral, puídos, limados, purificados pelos séculos. E se algum reparo há que fazer-se ao texto dêsse admirável poema, é a inserção — diremos mesmo o enxerto — que o sr. Carlos Amaro fez duma balada que não é de sua autoria. Convimos com Carlos Amaro que a «*Balada da Rainha de Kachmir*» é uma genuína maravilha e que êsse já quási esquecido Gomes Leal foi um altíssimo poeta. Mas nem por isso deixa de se quebrar nesse ponto a admirável unidade de acção e de factura do seu auto, nem êsse facto absolve o sr. Carlos Amaro do feio pecado da preguiça, que é um pecado mortal, pois devia êle mesmo ter composto para êsse passo uma balada condigna. Que êle era ultra-capaz de a compôr, parece-nos pueril afirmá-lo. E como não foi, decerto, para os seus leitores infantis que nota e balada foram enxertadas no seu livro, nem mesmo a piedosa e justíssima homenagem que, numa nota em baixo, aí é prestada a Gomes Leal, consegue validar ao nosso espírito essa única... nota falsa da sua castiça sinfonia.

* * *

Mas demais temos nós tagarelado sôbre as belezas literárias de «*S. João subiu ao trono*». A outros isso compete e não queremos exorbitar.



Carlos Amaro

Como obra de teatro ela é perfeita, e mais do que perfeita, perfeitamente realizável. O seu destino não era pois o livro, senão depois de ter sido provada no palco. Porque não se levou à scena em Portugal esta maravilhosa peça? Porque se privaram as crianças portuguesas desta magnânima esmola de beleza, de ternura, de encantamento e de amor? Porque não se lhes ofereceu, durante as breves horas duma tarde ou duma noite, essa deslumbrante nêsga de paraizo, verdadeiro paraizo terreal para as suas imaginaçõesinhas em flôr, tão sequiosas sempre do banquete maravilhoso dos palácios encantados da Ilusão?

Esta interrogação terrível contém a mais tremenda das acusações para tôdas as companhias dramáticas portuguesas. S. João não subiu ao trono... porque não há aí companhia de comediantes capaz de levar a bom termo, tão doce e tão fácil aclamação. Se precisassemos ainda duma última prova da sua inanidade, da sua incapacidade, da sua impotência, para as demitirmos a tôdas das suas funções de instrumentos de beleza e criação dramática, não nos bastaria mais do que forçá-las, uma a uma, por decreto com fôrça de lei, a representar condignamente esta peça... que não veiu fabricada de Paris, com os últimos lixos do boulevard, por ter sido feita em português de lei, por um português de lei, para olhos e ouvidos portugueses. Quer isto dizer que não há aí artistas que a soubessem representar?

Seria ousadia e impertinência afirmá-lo sem provas.

O que não lhes perdoaremos, porém, é que estejam agrupados de forma que tenham deixado passar do palco para o livro, sob a mais formal confissão tácita de impotência, esta genuína obra-prima do nosso teatro contemporâneo. E se essas companhias quiserem um dia redimir-se dêsse negro pecado, perante todos os meúdos e graúdos da nossa terra, só lhes resta tomar consigo mesmo um compromisso solene — o de fazerem, pelo Natal, com êste auto de S. Joãosinho, o que em Espanha se faz, em dia de defuntos, com o «D. Juan Tenorio» de Zorrilla: representá-lo em todos os teatros portugueses.

Que admirável, que portuguesíssimo e lírico acto de devoção ao Deus-Menino, não seria nessa noite em Portugal? Que melhor prova de bom-gôsto poderíamos dar-nos a nós próprios? Que melhor brinquêdo poderíamos depôr no sapatinho de Natal dos bébés portugueses? Que mais admirável ressurreição da tradição dos nossos presépios da Natividade poderíamos nós conceber, nestes utilitários tempos?

CARLOS SELVAGEM.

A EXCENTRICIDADE E A COMÉDIA NO BAILADO NEGRO

CONFISSÕES DO BAILARINO LOUIS DOUGLAS, DIRECTOR DA COMPANHIA DE REVISTAS NEGRAS E MESTRE DE JOSEFINA BACKER

Louis Douglas

Há vinte anos a raça negra, como certos papeis de crédito, não tinha cotação no mercado internacional da arte. Era para muita gente uma raça morta, que outro préstimo não possuia senão o de trabalhar nas roças ou exercer nos grandes países da Europa e da América profissões de categoria ínfima. É certo que surgia de quando em vez uma grande inteligência, mas apontavam-na como excepção à regra — e a regra estabelecida era a inferioridade da raça.

Veiu a guerra, sacudiu o mundo. E verificou-se com espanto que muitas das raças que se consideravam mortas, estavam simplesmente adormecidas. O abalo da conflagração europeia despertou-as. E como durante o sono tivessem quedado esquecidas pa barbarie dos séculos pretéritos, ergueram-se alvoroçadas e começaram a correr para alcançar a nossa época. E em poucos anos transpuseram séculos.

A raça negra foi uma das últimas a despertar. Viu que não tinha tempo a perder. Encontrou uma lenda a destruir — a sua inferioridade. Essa lenda só a poderia desfazer como fumo o sôpro da inteligência. E êsse sôpro forte, que ora agita o velho mundo, além de sumidades nas Letras e nas Sciências, trouxe-nos uma nova expressão de arte — o bailado negro. É boa, é má essa nova expressão artística? Somos um pouco suspeitos para apreciá-la. Limitamo-nos a dizer que é diferente, inteiramente diversa dos preceitos clássicos ou românticos de bailar.

Há outro ritmo na música negra norte-americana. Há, acentuado, nítido, bem patente aos olhos do entendedor, a cadência, o ritmo africano. Nos negros que povoam o novo continente, descendentes de africanos puros que o tráfico de negros arremessou em tempos para a América, conserva-se, embora polide pela civilização, o espírito africano. E é êsse espírito que anima os espectáculos das companhias teatrais de pretos americanos, como a que ainda há poucos dias se exibiu, com grande êxito, no Teatro da Trindade.

— Bom ou mau, desejamos conservar nas nossas manifestações artísticas o carácter africano — dizia-nos há dias o sr. Luís Douglas, director da «Black-Folies», o criador da célebre Josefina Backer. O excêntrico e o cómico animam as danças que os camponeses americanos, os pretos rudes das plantações, executam nos seus momentos de alegria. O *charleston* e *black-bottom* são expressões excêntricas ou cómicas da alegria infantil da nossa raça. Eu mais não fiz do que estilizar e aplicar ao teatro o que qualquer preto executa quási por instinto, por uma forma rudimentar e imperfeita.

Luís Douglas que é ,além de director, o primeiro artista da companhia, cultiva com arte inexcedível o excêntrico e o cómico.

Objectamos ao ilustre artista que a raça negra é sofredora, os seus membros sofrem por êsse mundo afrontas e vexames e o drama, o sofrimento poderiam servir, como no bailado russo, de admirável tema para exprimir pelos movimentos rítmicos da dança.

Perante estas objecções Douglas sorriu-se. Êle também meditou no assunto. Acha cedo, porém, para pôr em prática tão arrojada empresa.

— É cedo — disse-nos êle — para vir expôr à Europa os nossos sofrimentos. Deixemos rir, primeiramente, o velho mundo. Por enquanto desejo apenas provar que temos, como as outras raças, uma alma sensível e uma capacidade ampla de realização. Depois iremos aos assuntos sérios, contaremos o que é o sofrimento dos negros quási escravos nas grandes plantações, colocaremos perante o público os pretos que, atingidos pela bárbara lei de Lynch, esperneiam enforcados nos candieiros da praça pública... Por enquanto, meu amigo, façamos apenas arte pela arte, demonstrando que somos uma raça nova, cheia de vida, que chega impetuosa à civilização, imprimindo nela — como já por aí se vê — um cunho seu. Reclamamos apenas o nosso lugar ao sol do século XX. Isto nos basta por agora.

Falamos a Douglas na África, o grande continente, que êle considera a sua verdadeira Pátria, e lembramos-lhe as tradicionais danças guerreiras que os povos sertanejos executam com tanta harmonia e espírito artístico. Estilizadas e adaptadas ao teatro, essas danças constituiriam um espectáculo maravilhoso. O grande artista americano concordou connosco. Havia realmente em tôda a África um novo e rico filão de arte exótica a explorar. Para isso entendia êle que deviam formar-se mais companhias, muitas companhias de negros, dedicando-se cada uma à sua especialidade, colhendo as manifestações artísticas tradicionais no povo negro, como fizeram os russos, e imprimindo-lhes um cunho de arte superior e bela, capaz de fazer assombrar o mundo culto.

Douglas é um preto inteligente. Dizêmo-lo sem *partis-pris*, embora ainda haja gente que se assombre da existência de negros capazes de ser tão espertos como os brancos. Êle tenciona percorrer com a sua *troupe* tôda a Europa, inclusivé a Rússia. Quere, por isso, marchar a passos cautelosos. Os seus passos são os de uma arte que está ainda na sua infância.

Não são, porém, incertos os passos que êle e os da sua *troupe* dão no palco, pelo contrário, são de uma precisão e de uma harmonia estranha, inédita, nervosa, que assombra. E todos os componentes da «Black-Folies» se esforçam por trabalhar bem, com correcção impecável; nos seus *black-bottom* e nos seus *charleston* vai um pouco de prestígio da sua raça e um pequeno engano, um leve desaire que numa companhia de brancos seria incidente desagradável, na sua atingiria as proporções de um desastre.

MÁRIO DOMINGUES.

Uma scena da revista «Black-Folies»

LÉA NIAKO
A BAILARINA-MISTÉRIO

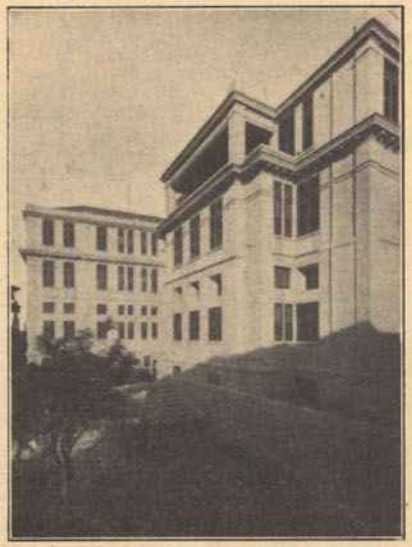
Num palco de Lisboa apareceu um dia, com um banalíssimo réclamo, em que se atirava com letras gôrdas, em pasto ao público, a nudez da artista, uma bailarina que diziam oriunda das misteriosas regiões do Extremo Oriente. Movido por uma curiosidade um pouco mórbida, o alfacinha, o portuguesinho valente e atiradiço, lá foi vêr a formosa estátua de ambar que dansava, cadenciosamente, perturbadoramente, envolta em gases ou em sêdas diafanas, ou exibindo num requinte de arte a maravilhosa euritmia do seu corpo, anfora viva duma rara perfeição. Foi uma subita consagração a da artista de grandes olhos em amendoa, a dansarina que conseguia o prodigio de que a sua nudez não fôsse impúdica, de que as linhas maravilhosas do seu corpo desnudado despertassem admiração e não instintos primitivos. Depois, noutros palcos, completando a sua exibição, a linda Léa Niako foi «Salomé» e «Cingalesa», cariatide grêga e delicado «bibelot» chinês. Conquistado o público, quási popular em Lisboa, a bailarina núa dos olhos ingénuos salteu para o galarim da fama pelo mistério recente do seu rapto, ainda discutidíssimo, e de diversas maneiras comentado.

Mas o verdadeiro mistério de Léa Niako, não é o dos jornais e da aventura cinematográfica em que se envolveu. O mistério de Léa Niako é o perfume que se desprende das suas dansas hieráticas e solénes, impregnadas do mistério improfundavel das civilizações que viveram e morreram desde que da mão do Criador desceu, a animar a vida, o primeiro raio de luz.

E êsse mistério, profundo como o dos seus olhos de abismo, que a envolve tôda numa atmosféra especial, de admiração e até, talvez de espanto.

Dansa Léa Niako, hierática e solene, escudada a esbelteza incomparável da viva estátua do seu corpo no manto envolvente de mistério que põe estremecimentos no silencio profundo das salas em devoção. E dansa nela o mistério dos séculos.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICENCIA DO RIO DE JANEIRO

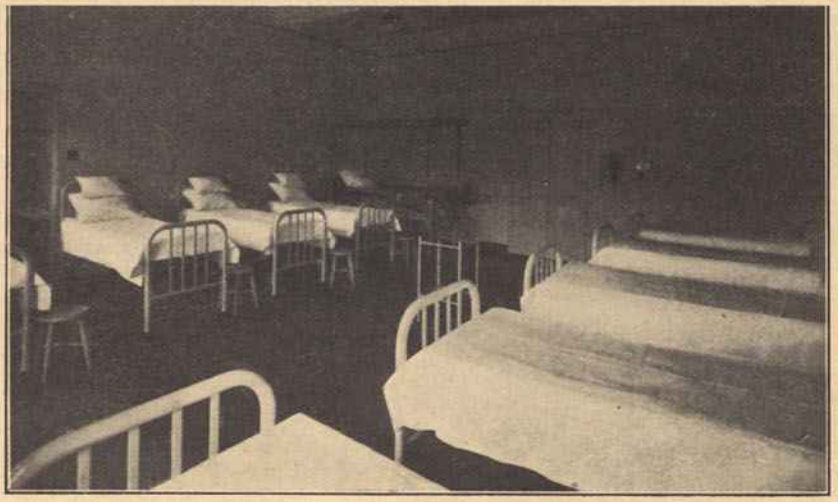


Hospital Visconde de Morais — Clínica de mulheres

empreendimento, o rigor da execução técnica, pois, em matéria de higiene, tais instalações hospitalares são dignas — como o teem sido — da maior admiração.

Haja em vista a maneira modelar como foi instalado o moderno *Hospital Visconde de Morais*, clínica de mulheres, o qual é complemento do já afamado *Hospital de S. João de Deus*, clínica de homens e do asilo — *Retiro da Velhice de Jaime Sotto Maior* — aonde se albergam, em uma linda vivenda

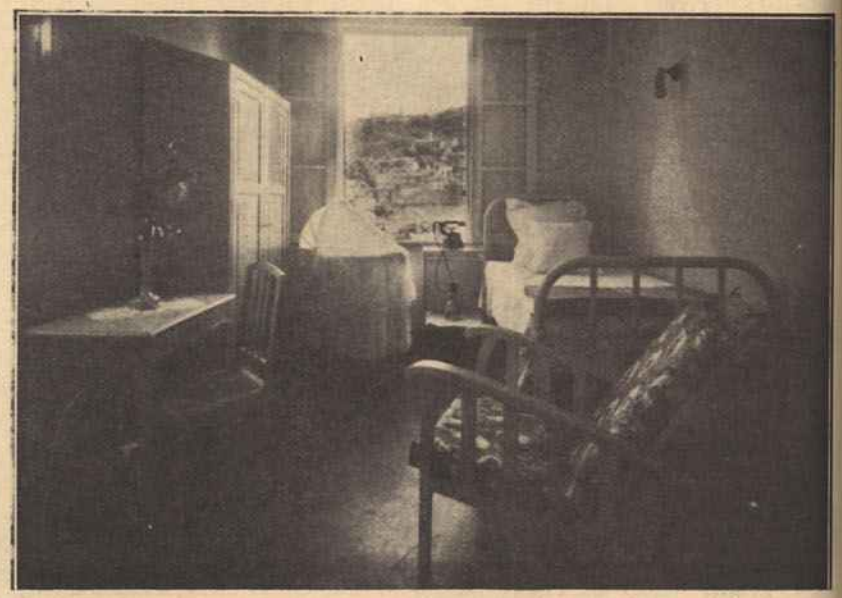
Hall de serviço e escadaria



Aspecto de uma das enfermarias

Os nossos compatriotas de além-Atlântico porfiam em manter, nas terras de Santa Cruz, o espírito de altruismo tantas vezes patenteado nos tempos idos da colonização. Bem o prova a documentação junta, aonde se divulgam alguns aspectos dos Hospitais Portugueses no Rio de Janeiro, a cargo da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Ninguém poderá negar a grandiosidade dessa obra de benemerência. Ela é simplesmente magnífica e prova, à saciedade, quanto consegue a nossa iniciativa particular, se bem orientada.

Estas poucas fotografias mal esboçam a valiosa tarefa já realizada, devendo notar-se que, à prática de generosas ideas e de certo bom gôsto artístico se associa, em tão belo

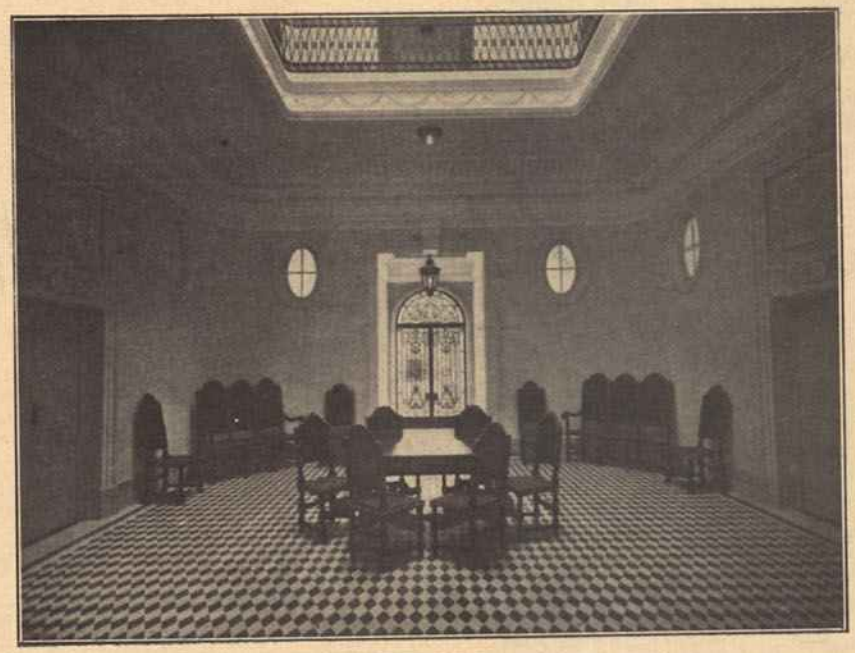


Um quarto particular

de campo, sessenta portugueses extenuados nas lutas da vida.

Esta benemérita Sociedade pode recolher nos seus Institutos, entre hospitalizados e asilados, cêrca de quatrocentos portugueses, instalando-os confortavelmente. Assim acontece, com maior destaque, na sua clínica de mulheres, o *Hospital de Visconde de Morais*, considerada irrepreensível e tendo merecido de J. Louis Faure, o grande mestre da ginecologia francesa, a designação de *palais chirurgical*.

Admirando o abnegado esfôrço lusitano em prol de uma instituição que honra, no Brasil, o nome de Portgual, ousamos prevêr que, com tão lindo exemplo, se orientará proveitosamente a nossa iniciativa particular, ainda emperrada e vacilante, de molde a possuirmos — não exceptuamos Lisboa — as boas instalações hospitalares a que temos direito.



Hall principal

Uma das salas de operações

Porque, em boa verdade, não se compreende hoje a hospitalização alheiada do confôrto devido aos doentes. Longe vai a época dos catres degradantes e forçoso se torna, em nossos dias, que cada Hospital seja, por tudo, um retiro atraente aonde se busca saúde. O corpo clínico da Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro é escolhido entre o escol dos facultativos da Capital Federal, e entre outros grandes homens de sciência, que ali prestam serviços inestimáveis, está o notável médico português, doutor Jorge Monjardino.

Hospital de S. João de Deus — Clínica de homens

Poucas vezes se enxerga numa obra título que tão completamente realize a função de definir a sua índole ou, pelo menos, de dar logo sinal do seu assunto dominante, como no último livro de Manuel Ribeiro, *A Planície Heróica*. De facto, em qualquer passo da leitura dos seus capítulos, finda mesmo essa leitura, se outras personagens de feição humana, criadas pelo romancista no âmbito do livro, conseguem ainda manter por um instante na nossa lembrança o recorte dos seus vultos, uma há, so-

Manuel Ribeiro

bretudo, e essa estranha ao género humano, de geito a persistir no nosso espírito com carácter mais concreto e mais palpitante, avassalando tôdas as outras, condenando-as sem delongas à sombra projectada pela sua envergadura gigantesca: a terra. Sim, a personagem essencial, viva, condutora do drama dos homens, que pouco ou nada são na imensidade do seio fecundo, é uma única: a planície alentejana. Tôdas as demais figuras, tôda a parte do conflito que se desenvolve na sua ausência, todos os episódios em que ela não está em scena, surgem a nossos olhos com o significado de meros comparsas e situações complementares, postos ali para, por meio do contraste, acentuarem a grandeza da protagonista.

Há ali o padre Dionísio, pároco minhoto que ao chegar àquelas paragens, tão diferentes das veigas risonhas da sua província, se vê quási na situação dos missionários em sertões africanos; há o sacristão José Mingorra, teimoso homem que debalde tenta amoldar o novo prior à única norma de vida possível naquele ambiente; há Conceiçanita, protótipo da mulher alentejana, a mais amorável, *amoruda*, como lá se diz, entre as mulheres portuguesas; há o rico e generoso lavrador Joaquim dos Cardeais, cuja mágua maior é arar a terra alheia, simples rendeiro da sua herdade, que, embora lhe dê a divícia, é pertença dum dêsses opulentos senhores da terra do sul, que vivem sempre longe dela, e, afinal, a não conhecem e, muito menos, a amam; há o seu filho João, moço que se propõe transfundir na sua lavoura, ainda feita conforme as velhas e relhas práticas, os conhecimentos agronómicos que andou bebendo nas escolas, e cujo carácter é flagrante ilustração da psicologia do homem alentejano, formada só de duas peças, a lealdade e a altivez, que engrenam à justa; — tudo o que aparece ali desenhado, compondo por vezes scenas de grande intensidade dramática, duma violência, a bem dizer, estrangeira na obra dêste escritor, até hoje muito entregue às telas de suavidades místicas, todos êsses entes, depois, ao afastarmo-nos dêles e quando lido todo o livro, desvanecem-se lento e lento e em sua substituição o que fica a assombrar-nos é a visão larga da terra que, salvo ao padre Dionísio, os gerou, a terra de que vivem e para quem vivem, a terra que é, simultaneamente, sua espôsa e sua amante, a terra que dêles exige a heroicidade cotidiana, a terra que tudo absorve, sêres e coisas, e onde até Deus, se quere ser presente aos seus incolas, tem de pegar na rabiça do arado e desbravar com êles, como seu irmão de trabalho, a charneca rude.

Êste romance é, pois, exclusivamente, o romance da planície das searas magníficas e dos montados misteriosos, cuja paisagem nada se confunde com a do norte e em cujos habitantes se nota tão especial feição anímica, — e nunca do amor veemente da formosa Conceiçanita pelo padre Dionísio, anedota que ao leitor menos avisado parecerá o fulcro da obra.

E tanto assim é que, estando todos aqueles scenários certos na côr e no relêvo, tôdas aquelas figuras alentejanas vivas ao pintar, é exactamente, em nosso humilde entender, a do pároco a única do romance a que falta verdade psicológica. Êle tem ali o seu papel mas êste, por fim, adultera-se, enveredando pelo sublime, que é incompatível com a frágil natureza humana. O autor, ao plasmá-lo, empregou oiro demais. Padre tão excelso de virtudes, de tão límpidas fé e castidade, estamos em jurá-lo, não é dêste mundo. Com vinte cinco anos apenas e resistir à tentação suprema a que o submeteu José Mingorra, o pai da moça apaixonada que vai oferecer-lha, isso não é dum padre, é dum verdadeiro santo. Se Manuel Ribeiro nos apontasse o modêlo vivo e exacto dessa figura, urgiria preparar o processo da sua canonização. Muito mais verosímil nos surge, ainda que o conheçamos só através de ligeiras alusões, o padre José Dias, que teve mulher no seu leito e, mais do que da religião, cuidou de amealhar à farta pecúnia e mais havêres.

Bem. Mas o romance cumpre o seu plano, que foi o de dar-nos o espírito da terra do sul e da sua gente. Êle lá está, inteiro. Alentejano que abra e leia a *Planície Heróica* encher-se há de consôlo ao encontrar retratada nessas páginas, com vigoroso pitoresco, a vida do seu torrão natal e a maneira de ser íntima dos seus compatrícios.

Também dêsse rincão de entre-Tejo-e-Guadiana nos fala outro livro agora impresso em segunda estampa e subscrito pela pena mui brilhante do sr. dr. Brito Camacho. A nova edição da obra diverge da anterior em do texto terem sido irradiadas duas peças, as quais, pela índole das personagens que focavam, trangrediam a unidade do assunto que o assunto implica: *Gente Rústica*. Êsses dois biografados, que reaparecerão noutra galeria de tipos ainda em preparo, não pertenciam em rigor à grei dos que labutam nos agros e como que fazem parte integrante dêles. Eram de mais letras e haviam andado em sociedade mais polida, e daí o motivo da sua amputação do volume.

Livro de evocação de figuras humildes que o autor conheceu nos seus anos moços e com as quais privou — é com desvanecimento que êle no-las apresenta, porque, a emparcelar com o que curioso possui a vida de cada uma delas e aqui nos é sugestivamente narrado, há, para acréscimo do deleite dessas lembranças — extraídas do tesouro inexaurível e inavaliável das impressões da infância e da adolescência, cujas peças fulgem com brilho sem par nos mais preciosos metais — o ambiente em que elas enquadraram seus vultos: a natureza livre, tonta de côr e de bárbara música, áspera mas sempre bela. Volta e meia o autor manifesta a sua funda saudade por êsse ambiente agreste mas sádio, onde o trato dos homens é menos especioso mas mais íntimo e sincero. E, assim, quem leia êste formoso livro, feito só com a memória e a observação, pois a fantasia, salvo se em quantidade mínima, não entra em seu tempêro, encontra-se a assistir a muitas das fainas agrícolas do sul e a colher conhecimento de muitas usanças peculiares dos seus naturais. E a vida dos *monies* e das charnecas, os que lavram e colhem e os que cuidam do armentio, a multidão de compadres e comadres numa bulhenta feira ou em festividade religiosa em que as manifestações pagãs superam as místicas, é o *habital* da ciganagem, tão espalhada por aquelas gândaras, é outro quadro e outro ainda, de cujo fundo se destacam os maiorais

Norberto de Araujo

e os *afudas*, os lavradores e os ganhões, as velhas amas e tôda a sorte de servos das herdades, gente que não é *smart* mas que é boa, que tem seu préstimo e carácter, que, enfim, interessa muito conhecer no seu viver íntimo. E, para mais, as notas engraçadas, por vezes com seus salpicos de malícia, como na história da

libidinosa sr.ª D. Maria do Cêrro, alternam com as trágicas, como a do pobre Clemente, tornando o livro variado, não obstante a persistência do scenário e da figuração rústica.

De livros como êste, traçado sem pretensões de literatura e todavia — ou talvez por isso mesmo — acusando por todo êle a *empreinte* dum forte escritor, andamos todos nós bem longe de fartos e repletos, não é verdade, leitor amigo?

A outra segunda estampa vamos agora referir-nos e, para cúmulo de fortuna, trata-se também dum livro bom: a *Novela do amor humilde*. Norberto de Araujo alcançou com êle, quando da edição *princeps*, um côro de louvores que o devia ter enchido de orgulho. Louvores da crítica e também do público, sobretudo do feminino, que é aquele que os romancistas e novelistas mais ambicionam conquistar e sem o qual, decerto, não valeria a pena escrever trabalho algum do género — tão absorvidos andam os machos, os novos pelo *foot-ball*, os velhos pela política e vícios e manhas afins.

Mesmo essa novela, escrita ao geito romântico, foi mais destinada pelo autor às mulheres do que aos homens. Se bem que já muitas delas simulem menos mal a dureza de alma de que se envaidecem seus companheiros, tidos como espíritos fortes, couraçados contra a emoção, — ainda a maioria, e bendita seja ela, é capaz de chorar sôbre uma história de amor desgraçado, de estirpe camiliana, ainda nelas existe sensibilidade avonde para vibrar com os casos de paixão e de ternura, tão próprios da nossa gente. Que se vão ressequindo as almas dia a dia, como os galhos velhos nas árvores, ouve-se muita vez dizer. Talvez. Mas não tão depressa como êsses querem. E a *Novela do amor humilde*, feita por um sentimental para os espíritos sentimentais, é disso prova e testemunho. Novela romântica, sim. Nem o autor lhe nega essa qualidade, fazendo *pied-de-nez* àqueles que do romantismo desdenham e lhe assacam tôdas as mazelas do mundo. O romantismo, afinal, não foi tão mau como o pintaram, o que sucede também ao diabo. No meio dos seus exageros, dos seus artifícios, dos seus delírios

Santana Rodrigues

de manicómio, trouxe um benefício: enriqueceu o campo da investigação psicológica. Jámais a alma do homem se sentiu tão esquadrinhada, tão iluminada em todos os seus refolhos. O ano findo, ano do primeiro centenário dêsse movimento literário, tomando por base o de 1827, em que saíu o prefácio do *Cromwell*, critério bem precipitado, diga-se de passagem, pois a escola já muito antes se avigorara, mesmo em França, — o ano findo trouxe a lume muitos trabalhos em que o romantismo obteve estudo atilado e vimos nós então que, se muitos dêsses estudiosos voltaram a atirar-se a êles com a freima de Sant'Iago aos mouros, outros houve que souberam absolvê-lo dos seus pecados — que os teve, inegàvelmente! — e pôr em relêvo algumas das suas virtudes.

Mas voltemos à novela de Norberto de Araujo, romântica pelo sentido mas com uma técnica original, onde, já o dissémos aqui mesmo, o cronista vibrátil da *Vinha Vindimada* e da *Varanda dos meus amores* deu grande ajuda ao novelista em estreia. História linda e comovente de três Marias, das quais só uma saboreia a felicidade e outra é amada, não obstante a sua pobreza, por um fidalgo, dêsses de coração limpo, à maneira antiga, — decorre o seu enrêdo em bairros da Lisboa secular, onde o viço das tradições não morreu com o tempo. Tudo ali tem um ar aconchegado, familiar, e mesmo nós ao lermos essa história temos a impressão de que o novelista veiu ter connosco para no-la contar, como um caso verídico da nossa rua ou do nosso prédio, acabado de passar com gente muito do nosso conhecimento. E por isso mesmo chegamos a esquecer-nos de que aquilo tudo é criação literária — para nos convencermos de que é vida, vida palpitante, vida toldada, porém, pelo sofrimento e pela morte, o que nos traz instintivamente aos olhos lágrimas de piedade.

Emília de Sousa Costa

Cartas a uma brasileira é o mais recente livro da sr.ª D. Emília de Sousa Costa, escritora que da literatura infantil passou para outros géneros bem diferentes, sem abandonar, todavia, de todo aquele. Como que em sequência ou, por outra, a modos de parceiro de outro que em tempos não distantes trouxe a lume e se denomina *Como eu vi o Brasil*, o qual traduz as lisongeiras impressões que, sob todos os aspectos, a autora colheu na terra americana que o esfôrço português fecundou outrora para a civilização, e por consequência devia interessar o nosso público, êste de agora destina-se de preferência ao público do Brasil, se bem que nada perca, antes pelo contrário, em ser lido também por cá.

Que diz êle? Qual o seu assunto? Transmite impressões dos nossos panoramas e dos nossos costumes, para servir a natural curiosidade dos nossos irmãos de além-mar, isto em grande parte do volume, sendo a restante ocupada por impressões colhidas fora das fronteiras nacionais, em Espanha e em França. É aquela, evidentemente, a fracção do livro que mais encómios nos merece, e do mesmo parecer deve mostrar-se, sem dúvida, a leitora brasileira que o tomar entre mãos, porquanto, sem paradoxo, a parte do mundo que nós ambos, brasileiros e portugueses, menos conhecemos é, no fim de contas, Portugal. Das alheias terras, das suas paisagens, dos seus monumentos, pelo menos no que respeita a Espanha e França, tudo está dito, em milhares de livros. Dizer algo de novo sôbre êsses países, é já quási tão difícil como descobrir o moto-contínuo, coisa que tem posto muita gente sem juízo.

O S. João em Braga, que é festa rija; a majestade da serra da Estrêla, a beleza da paisagem algarvia, que muitos dos portugueses mal adivinham; de tudo isto e muito mais, em louvor da nossa pátria e da nossa gente, se fala neste livro com que a sr.ª D. Emília de Sousa Costa veiu há semanas acrescentar a sua já vasta bibliografia.

Da Instrução pública em Góa se ocupa o último trabalho do sr. dr. Santana Rodrigues, médico distinto, de origem indiana, que emprega as férias da sua clínica em estudos scientíficos e pedagógicos de acentuado mérito, como vimos há pouco com um opúsculo sôbre a tatuagem e, anteriormente, um abundante volume informativo do que é *a Índia Contemporânea*. Trata-se do esbôço de um plano de reforma, tendente a salvar o ensino naquela nossa longínqua possessão do desprestígio a que tem vindo resvalando com o correr dos anos. Nestas páginas o sr. dr. Santana Rodrigues, após um intróito histórico, fala com muito saber do idioma vernáculo e acaba por marcar as directrizes preferíveis para os três graus do ensino, o primário, o secundário e o superior.

Ouvi-lo hão as estâncias oficiais, tornar-se há realidade o seu plano? Oxalá. Ou então terá o sr. dr. Santana Rodrigues de se convencer de que a quem compete voto decisivo em matéria de instrução — é aos analfabetos..

O Douro em Brasas..., livro firmado por um nome desconhecido, pelo menos para nós, nas letras: Kol de Alvarenga.

A história do nascimento do volume é singela: tendo o autor exercido a sua profissão de engenheiro-agrónomo no Douro, ali teve êle ensejo de observar muitas e curiosas coisas sôbre a vida agrícola da rica região vinhateira e sôbre

Kol d'Alvarenga

os hábitos dos durienses, e com essas observações, sempre que a paciência e o vagar lho propiciavam, foi esboçando crónicas ligeiras mas sugestivas, que neste momento se resolveu a coordenar.

Não é, pois, um livro de um escritor profissional, mas não temos dúvida alguma em aboná-lo como de interessante leitura. A sua linguagem frequentes vezes mesmo adquire brilho e côr próprios dum prosador de pulso. Ali se gaba o vinho espumoso que tem fama mundial, os airosos barcos rabelos que o conduzem até ao Pôrto, a vivacidade das vindimas e das malhadas, a graça das mulheres da provincia, etc. Nada nesse volume nos enfadou, podemos jurá-lo. E nisto está, parece-nos, o melhor elogio do livro *O Douro em Brasas...*

CÉSAR DE FRIAS.

Vejam-se no n.º 46 da

ILUSTRAÇÃO

as condições do nosso

CONCURSO LITERÁRIO

e no n.º 49 a relação das obras a êle concorrentes, entregues até a data.

AS CONFISSÕES DE UM PRÍNCIPE

«Os meus sentimentos de patriotismo pelo meu país e de pai extremoso pela felicidade de meu filho, são superiores à minha paixão por uma mulher!»

PELO PRINCIPE CAROL, DA ROMÉNIA

(Exclusivo da «Ilustração»)

...E acedendo aos desejos do jornalista que na sua frente aguardava ansioso as suas palavras, o Príncipe Carol da Roménia, ditou então:

— Pode crêr! Em todos os incidentes da minha vida, aparentemente agitada, jámais deixei de ter sempre presente o princípio aceite por todo o mundo, de que nunca deveremos esquecer um dever social em obediência aos impulsos cegos de uma paixão.

«Quando, pois, me é dado escolher ou o caminho árduo do dever ou a alameda atraente e florida do meu amor por uma mulher, eu não hesito em preferir o primeiro, desprezando assim as exigências do meu coração, expulsando da minha mente, da minha alma apaixonada, todo o meu grande amor por «ela» para só atender aos ditames da minha consciência e dos meus deveres de patriota verdadeiramente dedicado ao meu país e de pai extremoso que só ambiciona a felicidade de seu filho, o rei Miguel da Roménia.

«Assim terá que ser!

Calara-se bruscamente olhando o repórter que escrevia em silêncio e prosseguiu:

— Eu não nego que esta seja a atitude mais digna para um Príncipe afastado do seu trono.

«Tais são as leis dêste mundo, mas — diga-me — é justo que para cumprir um dever, sejamos forçados a esfacelar o coração, pouco a pouco, sôbre as arestas aguçadas do rochedo da razão, dissimulando a nossa tortura mental, forçados a abandonar a mulher que é todo o motivo da nossa existência, aquela por quem vibra a nossa alma no maior amor da nossa vida, aquela cuja imagem basta para sufocar todos os sentimentos alheios a essa grande paixão?

«Quantos, simples mortais neste mundo, não terão sofrido uma situação análoga, ante o dilema terrível: — o Amor ou o Dever?

«Quando as necessidades da vida social forçam um chefe de família a abandonar sua esposa e os seus filhos para ir viver durante longos anos num continente longínquo, que deverá êle fazer? Deverá partir ou deixar-se ficar junto aos seus, poupando-lhes assim tôdas as torturas de tôda a grande saudade duma solidão infinita?

«Suponhamos assim, que êsse homem ou essa mulher, por motivos alheios à sua vontade são obrigados a viver longe um do outro, que decorridos alguns anos após a sua separação, os caprichos do destino colocam um dêles face a face com alguém que poderá, perante a sua sensibilidade emocional, representar a realização mais sublime de um verdadeiro amor. A qual sentimento deverá êsse ente obedecer?

E ante a espectativa do repórter, o Príncipe Carol explicou:

— A voz do Dever brada-lhe que, sendo casado ou casada, deverá evidentemente conservar-se fiel e constante à pessoa com quem se consorciou, todavia... o Amor, sempre indiferente aos compromissos mundanos, aponta-lhe audaciosamente o caminho oposto. A qual dêstes sentimentos deverá obedecer? Aos deveres de bom esposo ou de esposa fiel, ou às manifestações do seu coração, sempre humano e sensível?

«Ser-me-ia fácil indicar inúmeros triângulos como êste, em que a vítima infeliz constitui o vértice, e o Amor e o Dever ocupam os dois ângulos restantes, numa equação tão indecifrável como terrível, na luta dolorosa da virtude e da paixão, degladiando-se ante uma alma perplexa e indecisa.

«Que o digam todos aqueles que já um dia sofreram êsse choque!

«Quási sempre, em obediência às exigências de uma sociedade cruel e que não perdôa nunca, o coração é vencido nessa luta e subjugado pelo Dever no sacrifício heroico de um grande Amor, às vezes o único, o maior da nossa vida!

O Príncipe Carol, entusiasmado, ergueu-se para em seguida continuar:

— Dir-me-hão que o caminho do Dever conduz à Paz e à Virtude, mas sòmente o verdadeiro Amor conduz à Felicidade e nada poderá fazer-me esquecer essa página arrancada ao livro estranho da minha existência.

«O caminho do Dever!... A estrada de sangue, pavimentada com todos os corações esmagados e esfacelados pelo cilindro colossal e indiferente do Deus-Dever!

«O mundo inteiro sabe que eu sacrifiquei os meus direitos ao trono da Roménia só pelo amor de uma mulher — e jámais me arrependerei dessa minha acção porque todos os homens, quer sejam príncipes quer não, são livres proprietários dos seus destinos e da sua vida no mais pleno e augusto direito da conquista da felicidade máxima que jámais lhes é dado atingir durante a sua curta existência neste mundo.

E... que maior felicidade existirá na terra do que colher um a um os dias breves da nossa vida em companhia da mulher amada?

«Quantos homens haverá por êsse mundo que, em obediência à voz do Dever, teem destruído os seus lares e sacrificado a felicidade de tôda a sua existência?

«Na minha opinião, uma tal conduta é simplesmente indigna e repreensível porque, ainda que sinceramente eu seja o primeiro a reconhecer que o caminho do Dever jámais deve ser abandonado em troca de todo o amor de que é susceptível o coração humano, penso que cumpre ao ente que deseja sacrificar-se, solucionar êsse problema moral de forma

A princesa Helena, mãe do pequeno rei Miguel da Roménia

A casa de Carol da Roménia em Neuilly

a coordenar os dois sentimentos: Dever e Amor.

«Assim, um homem que dedica todo o seu tempo aos seus negócios ou ocupações profissionais, esquecendo os cuidados que deve a sua esposa, não merece nunca o Amor de uma mulher, porque não raras vezes essa flôr, a mais preciosa da sua união conjugal, morre esquecida entre as hervas daninhas do seu egoismo e da sua indiferença criminosa.

«A mulher! A mulher é a mais bela e preciosa maravilha do mundo, e quantas vezes ao dedicar tôda a sua vida, todo o seu coração a seu marido, êste é incompetente para apreciar tôda a felicidade de que é alvo!

«E que de casos análogos todos conhecemos! Mulheres tão belas, formosuras tão celestiais que dir-se-iam arrebatadas do último dos céus, despresadas por seus maridos na mais cruel manifestação da insensibilidade humana, maridos que preferem dedicar todo o seu interêsse a um canil de raças caras ou a cavalariças de «Puro-Sangue», enquanto nos seus pequenos «boudoirs» «elas» aguardam sempre em vão uma palavra de Amor de seus esposos, os homens a quem à face da sociedade ligaram todos os seus destinos!

«Uma tal cegueira ante os traços mais belos das mais raras formosuras femininas, tem sido para mim objecto da maior surpresa e irritação.

Mais calmo, ao ver que o jornalista tentava encaminhar a entrevista para o campo das declarações concretas acêrca da sua atitude em face da coroação de seu filho como rei da Roménia, o Príncipe Carol apressou-se a declarar:

—Tudo o que acabo de dizer só prova, mais uma vez, que sou um adorador convicto da beleza feminina e que não tenho dúvida alguma em confessar-me um idealista em tudo o que se refere ao sexo fraco. Todavia, tais ideais não obstam a que eu possa cumprir o meu Dever e volte para a Roménia.

«Na verdade, sinto-me esmagar entre êsses meus deveres referentes ao meu país e também êsses outros relativos à mulher que tão apaixonadamente eu amo.

«Assim, se eu fôr chamado para voltar à Roménia, não deixarei de partir imedatamente, sacrificando tôda a minha vida íntima e pessoal, mas sòmente em obediência aos interesses da Roménia, ainda que seja forçado a despresar tôda a felicidade da minha vida, felicidade que com tanta dificuldade conquistei.

«Meu filho, o rei Miguel, necessita da companhia de seu pai e quando uma criança chama seu pai a cumprir um Dever, eu sei que não há sacrifício, por maior que seja, que êsse pai não se preste imediatamente a fazer, para assim realizar tôdas as suas obrigações paternais.

«Se eu voltar para a Roménia, uma única razão me impelirá a fazê-lo: educar e vigiar a infância de meu filho, indicando-lhe o caminho do Dever, para que êle um dia possa ser um monarca justo e querido por todo o seu povo.

«Não desejo subtraír-lhe a corôa mas sinto que tenho o direito de actuar como seu conselheiro e como seu pai durante tôda a sua adolescência.

O falecido presidente do conselho Bratiano

«Eis, pois, um dos casos em que o amor paternal e o Dever triunfam sôbre o amor de uma mulher e estou convencido que mulher alguma dêste mundo despresará um homem que, por ser pai, é forçado a abandoná-la no cumprimento de um Dever para com seu filho.

«O amor materno, latente em tôdas as mulheres e o instinto de mãe, bastam-lhe para reconhecer a justiça de um tal sacrifício por uma criança que não obstante não é seu filho.

«Não quero, porém, sugerir que o pequeno rei Miguel não esteja recebendo todos os cuidados e carinhos de sua mãe e de sua avó, a rainha Maria, minha mãe, mas... êle tem necessidade da mão de seu pai, dos conselhos

O pequeno rei Miguel, com 7 anos de idade

A casa da Princesa Helena em Bucarest

de um homem que é para êle tudo o que existe neste mundo.

«Em tôdas as cartas que me envia, pergunta sempre: «Papásinho, quando volta para junto de mim?»

«É o grito comovedor de uma criança dirigido ao coração de seu pai, que ansiosamente aguarda o momento divino em que poderá estreitá-la nos seus braços!

«Sim! Estou impaciente por voltar a Bucarest, não por qualquer razão ou fim político, mas unicamente porque quero ver o meu filho, o pequeno rei Miguel da Roménia!

«Os deveres de um pai para com seu filho, são superiores a qualquer outra obrigação ou dever. Não admito que homem algum se julgue com o direito de despresar o futuro de seus filhos em obediência a qualquer outro interêsse. As vidas das gerações do futuro são bem mais importantes do que qualquer Dever alheio a esta obrigação.

«Tal foi o motivo por que renunciei ao meu trono e segui até ao exílio a minha esposa morganática, Madame Lambrino e o nosso filho.

«Os meus deveres de pai levaram vantagem então aos meus deveres de Príncipe, e se ulteriores acontecimentos não me tivessem forçado a modificar a minha situação, eu seria ainda hoje o esposo legal da mulher por quem abandonei o meu trono.

«Depois, os deveres para com o meu país foram suficientemente fortes para induzir-me a voltar à Roménia e, ultimamente, a casar com a Princesa Helena.

«Mas jámais esqueci os meus deveres de pai, primeiramente como esposo de Madame Lambrino e agora como pai de El-Rei Miguel I da Roménia; o meu coração chama-me ao cumprimento de mais êste dever: vigiar a educação de meu filho.

«Os meus sentimentos de patriotismo pelo meu país e de pai extremoso pela felicidade de meu filho, são superiores à minha paixão por uma mulher. Tal é o meu ponto de vista relativo à difícil solução da luta entre o Dever e o Amor.

«Para chegar a esta conclusão, dias sem número, meses sem fim, longas horas de vigília teem sido gastas em profundas meditações.

«Esta solução é inabalável, o meu Dever de pai é superior a todos os outros deveres que pesam sôbre mim e... êste é o Dever que eu hei-de cumprir, aconteça o que acontecer!

Anglo-American N. S. Copyright

FIGURAS DO MOMENTO

FERREIRA DE CASTRO

Um dos mais festejados novelistas da geração moderna que acaba de publicar um novo livro «A casa dos móveis dourados».

(Carvão de Eduardo Malta)

MAURICE BEDEL

Notável escritor francês, laureado do «prémio Goncourt», com o seu romance «Jerome 60° latitude nord», que em breve será publicado em português.

MARIA DE SOTTOMAYOR E ABREU

Delicada escritora de fina sensibilidade, que publicou um curiosíssimo livro para crianças «Em tempos que já lá vão...», ilustrado por Ermínia Maia de Medina. *(Foto Brasil)*

TROTZKI

O grande organizador do exército vermelho na Rússia Soviética, agora posto à margem, vencido no seu combate a Staline para a conquista do lugar supremo de Lenine.

STALINE

O actual chefe supremo do bolchevismo russo, sucessor do defunto Lenine e figura curiosíssima que o sr. Cunha Leal estudou na sua última conferência.

ILDA STICHINI e ARTUR MAY

Por ocasião da sua temporada triunfal em Ponta Delgada, a nossa grande actriz Ilda Stichini teve uma récita de homenagem em que o «clou» foi a representação do célebre «Centenário» dos irmãos Quintero, tendo a desempenhar o protagonista, criação do falecido José Ricardo, o talentoso amador sr. Artur May, que obteve um grande e merecido sucesso.

GRAZZIA DELLEDA

A eminente romancista italiana foi contemplada com o «Prêmio Nobel» da literatura.

GENERAL DR. ABEL AUGUSTO DE CAMPOS PAIVA

Falecido em 30 de Dezembro último, com 77 anos de idade, era um dos mais ilustres e mais antigos médicos da capital, deixando uma obra notável de generosa assistência à pobreza de Lisboa, que com a sua morte perdeu um desvelado protector. A imponência do seu funeral foi a pública e solene demonstração de quanto era querido e admirado tão benemérito cidadão.

Carta para Buenos Aires

(A E. Blanco-Amor)

Escrevo-lhe de Lisboa, nódoa confusa que se alastra em quatro palmos de terra portuguesa.

A minha rua entronca na de Buenos-Aires e, no entanto, tão visinho de vós, esta carta levará um mês a lá chegar...

É uma rua velha e suja a que o rapazio dá um ar de mocidade e o alto zimbório da Estrêla domina austera e alegremente com as vozes pausadas dos sinos e os seus vitrais, que o sol doira no azul transparente das manhãs de Portugal.

Desta igreja da Estrêla, mandada construir por D. Maria I, nasceu, pode dizer-se, o aristocrático bairro que a circunda e se espalha sôbre uma das sete célebres colinas da cidade.

A Estrêla é, só por si, a Lisboa que Byron cantou, tão luminosa e cheia de sonho que dir-se-ia construída pelos anjos.

É, depois dos bairros fidalgos e primitivos de S. Vicente e Graça, o que mais simpatias merece pelo que nos fala ainda da Lisboa que mal brilhava já nos fins do século passado.

Entremos no templo revestido de altares com luzes e flores, que são outras luzes mais vagas e que se apagam mais cedo; deixemos para trás os grandes órgãos silenciosos e o túmulo da religiosa Raínha fundadora, para subirmos a escadaria tortuosa que, ao fim de centenas de degraus poídos pelo andar de um século e meio, nos leva a essa altura maravilhosa de onde se descobre o mundo!

Como dali o espaço e o tempo se desvendam aos nossos olhos!

Estende-se aos pés tôda a cidade rumorosa, vem aos meus ouvidos um borborinho de vozes, algumas — caladas para sempre as bôcas que as disseram — ainda pairando sôbre as casas, outras saindo da terra como um alvorar de novos sêres.

Oh, a estranha Babel, rouca preamar de vozes que a ira de um Deus desencadeou!

Tu que vens comigo, abre os olhos e vê.

Além, a lágrima do Tejo, vem eternamente correndo do coração incandescente de Castela, para aflorar finalmente nos grandes olhos azuis do mar...

O Tejo! Que remotas areias vem sulcando através o tempo e as distâncias? Que cidades espelharam suas águas? Que recordações elas trazem de tão longe? Que prantos acolheram em seu correr eterno, assim tôrvas ficando para sempre?

Depois do Tejo a Arrábida, onde a mística tristeza de Frei Agostinho anda a rezar ainda, à tardinha lhe dando um tom brumoso e rôxo de elegia.

Alongam-se em seguida as planícies monótonas do Ribatejo e erguem-se no poente as altas penhas de Cintra sôbre as águas debruçadas, num aleus.

Ao longe, o sonho dêsse mar sem fim e a névoa do Encoberto...

Volvamos os olhos a Lisboa.

Vês agora aquela colina semeada de antiga casaria e, ao alto com um velho palácio desbotado e uns restos de antiga fortificação? É a Costa do Castelo, a Lisboa de D. Afonso Henriques, com as suas ruas íngremes e tortuosas, povoadas de sombras de outras eras e adormecidas ao chôro das guitarras da Alfama e Mouraria. Em seguida é o Monte e o bairro sonâmbulo da Graça com seus palácios de antigas tradições, e, mais abaixo, S. Vicente que o continua e onde, na escuridão pecirenta duma sala, dormem, ainda quentes da tragédia, os cadáveres dos dois reis assassinados.

Mais adiante fica a Penha com a sua igreja nascida duma lenda ingénua, pejada de ofertas de antigos marcantes.

Depois uma névoa onde o verde azulado do cemitério se confunde com o céu e o rio de um mesmo azul suave.

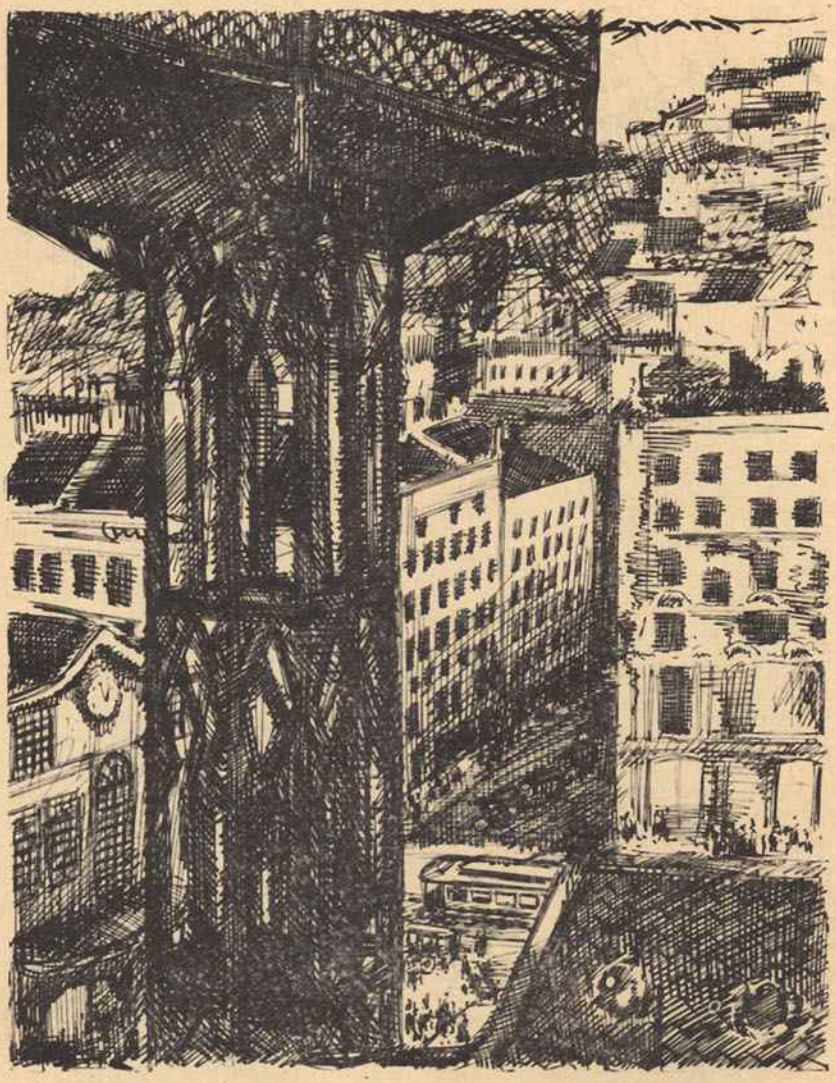
Aqui mais próximo o Príncipe Real e o Jardim de S. Pedro de Alcântara, deixando entrever a faixa esverdeada da Avenida, como num tronco já velhinho uma artéria onde ocorresse um sangue novo de mocidade.

Verde, muito verde, manchas verdes aqui e além; Lisboa é a cidade dos jardins como Roma é a cidade das fontes.

Deixemos o zimbório onde subíramos e vamos deambular pela cidade.

Fora, luz a jorros sôbre o largo, incendiando as pedras e as árvores do jardim. Labaredas verdes e doiradas dum mar de fogo que nos deixa os olhos estonteados. Ruas socegadas, uma ou outra vez um rodar de electrico ou a buzina impertinente dum automóvel.

Mais abaixo S. Bento evoca tôda a balburdia dos últimos cincoenta anos de política, deixando ao longe ver pela friesta larga da



Avenida das Côrtes, o rio, todo um passado de glória...

Segue-se o Combro com o antigo convento e travessas abrindo bocas sôbre a noite. À esquerda o Bairro-Alto, moradia da Lisboa fidalga a partir dos meados do século XVI, tendo adiante S. Roque com o palácio dos Nizas e a lembrança negra da Companhia e logo depois as ruínas do Carmo, onde vagueia ao luar o fantasma do Santo-Cavaleiro.

À direita fica Santa Catarina com uma vista maravilhosa sôbre o Tejo e separada das Chagas por um antigo terramoto.

Estamos enfim no Chiado, onde a Lisboa galante ostenta o brilho das suas joias, das suas peles e dos seus automóveis suntuosos. A maravilha do Progresso, dirão. A tristeza do Progresso, o vendaval do Progesso, que tudo destroi e arrasta em louco torvelinho.

O Chiado, scintilante de montras que lhe envidraçam a expressão como aos seus transeuntes elegantes o brilho apagado do monóculo! Quem nele reconhece os ermos onde serpeava a antiga muralha de El-Rei D. Fernando encimada com a velha porta de Santa Catarina que já se perde na noite do Passado desde os tempos de D. Sebastião? Quem nele reconhece mais tarde a rua singela por onde passava Bocage satirizando com os seus companheiros a hedionda estanqueira do Loreto?

Mais tarde ainda, quem nele vê o Chiado elegante dos nossos avós irrepreensíveis nos seus lustrosos chapéus altos, com uma fresca flôr ao peito de que apenas o perfume jámais se apagará.

Quem, sob os seus próprios pés descobre as pègadas de Antero e Oliveira Martins, que para sempre ficaram impressas no lagedo dos passeios? E a de Bocage, através o cascalho da rua?

Aqui estamos agora no Rocio, um grande mar de luz onde a Lisboa das alfurjas e vielas vem matar a sua sêde de sol.

Aí está Lisboa inteira bebendo o céu azul a plenos olhos!

E, no entanto, era além a inquisição e mais adiante os autos de fé onde corria o sangue dos inocentes.

Para um lado fica a Avenida, o século XX, o futuro; para outro fica o Tejo, a Graça, o Castelo, todo um Passado de glória.

Deixemos a Avenida e as outras avenidas, longas filas de árvores e de casas traçadas com o esquadro e com a régua — cemitério de vivos.

Vejamos agora a Lisboa de Pombal, erguida sôbre as ruínas do Terramoto, sôbre as cinzas da Lisboa manuelina afundada nos dois braços do Tejo que por aqui corriam nos tempos da remota Lusitania.

Mas ai! a Lisboa de Pombal transformou-se também sob a mão do Prgoresso. É apenas um grande mostruário da vulgaridade, uma caricatura de Paris.

Resta o Terreiro do Paço que é Lisboa inteira em alma de saudade, de joelhos rezando à beira de água.

Os Paços da Ribeira são apenas uma lembrança, mas êste rio é o mesmo que viu sair as primeiras velas da Aventura, daqui partiram para o desastre de Alcacer as naus do Desejado, aqui, há quatro séculos, chora Portugal sua saudade eterna.

Vem depois a Lisboa de Cesário Verde com varinas e uma soturnidade infinita ao entardecer.

Alguns prédios ostentam na esquina uma pequena caravela — as armas de Portugal!

Que linda seria Lisboa, a verdadeira Lisboa, com as suas casas tôdas coroadas por caravelas!

Deixamos agora a parte central da cidade e, depois dum longo caminho pela beira do rio, que nos enche de tristeza, paramos em frente dos Jerónimos. Aqui, como no Terreiro do Paço, os olhos arrazam-se-nos de lágrimas. É todo o Portugal que nos aparece de repente: a Índia, o Adamastor, Aljubarrota, Alfarrobeira, Alcacer-Kibir...

Daqui os Portugueses viram partir o Gama, aqui se rezaram as exéquias por alma dos mortos de Alcacer, aqui Camões — quem sabe? — rezou por D. Sebastião. Camões, D. Sebastião (?), Junqueiro ali repousam; sob aquela nave imensa vive Portugal a sua morte.

Tocam os sinos agora. Espera; vem aí a procissão — o grande cortejo das sombras. Ajoelham todos e rezam. Lá estão os reis tão tristes; um a um se debruçam sôbre o túmulo de alguém. Lá vêm os Poetas e as donzelas dos seus cantos desfolhar flôres pela Capela.

No altar dizem missa não sei que sombras luminosas e os orgãos entôam não sei que vaga ladainha de saudade, tocados por mãos invisíveis. Tem uma luz quimérica os círios e, nos seus nichos, os Santos pendem a fronte aureolada para o chão.

Súbito, uma luz inunda tôda a nave. Aleluia! Aleluia!

Já surge ao longe, muito ao longe, uma estranha claridade. Será a névoa do Encoberto?

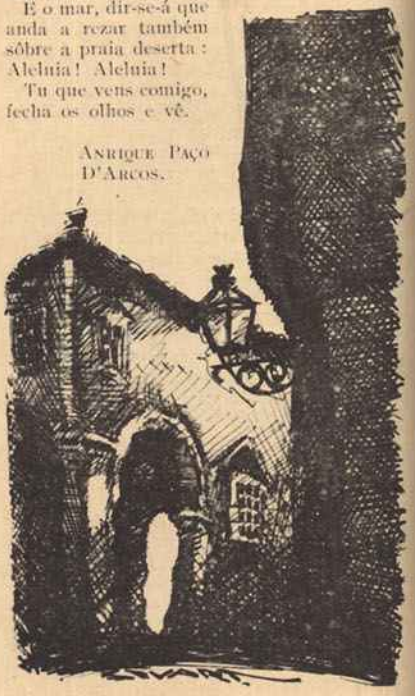
Aleluia! Aleluia!

E as sombras rezam tôdas: Aleluia! Aleluia!

E o mar, dir-se-á que anda a rezar também sôbre a praia deserta: Aleluia! Aleluia!

Tu que vens comigo, fecha os olhos e vê.

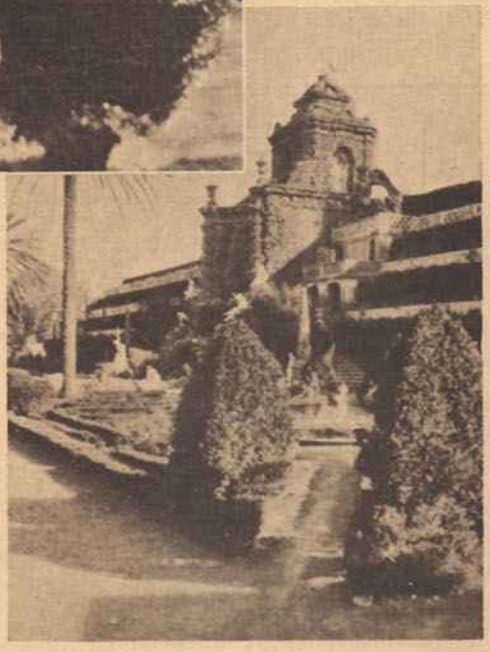
ENRIQUE PAÇO D'ARCOS.



A CASA PORTUGUESA

O JARDIM DO REAL PALÁCIO DE CAXIAS

CAXIAS TEM UM ANTIGO PALÁCIO REAL MANDADO EDIFICAR PELO INFANTE D. FRANCISCO, FILHO DE D. PEDRO II, E CONCLUÍDO POR D. PEDRO III. HOJE, NA POSSE DO CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA, JÁ NADA DE NOTÁVEL APRESENTA, MAS O FORMOSO JARDIM QUE O CIRCUNDA AINDA CONSERVA O SEU CARACTER ANTIGO. DE TRAÇADO GEOMÉTRICO, GUARNECIDO DE BUXO E DE MURTAS APARADAS, É DOMINADO POR UMA BELA CASCATA POVOADA DE NINFAS QUE INTERROMPE OS PARAPEITOS SOBREPOSTOS DE ALTO ABRIGO. O TERRAPLENO TEM AINDA A ARREMATA-LO DOIS GRACIOSOS PAVILHÕES AMANSARDADOS, E ALGUMAS VELHÍSSIMAS ARAUCÁRIAS E PALMEIRAS AUMENTAM A MELANCOLIA QUE DÊSTES ANTIGOS JARDINS SE DESPRENDE.



CINEMATOGRAFIA

Regina era uma linda rapariga a quem o luxo não roubara a graça ingénua...

O cinema alemão progride a olhos vistos. Nem só as grandes realizações assombram o mundo. Também as belas e moderníssimas realizações de dramas e comédias de ambiente conquistam as *élites* de todo o orbe.

Nêste difícil género são mestres, igualmente, os alemães. Um dos últimos filmes da sua produção moderna, assenta sôbre o interessante argumento que se segue.

* * *

Frank, um moço alemão que vivera nos Estados Unidos e, portanto, americanisado, volta de novo para a Alemanha, a fim de afrontar a mulher que, entre as por demais elegantes «american girls» não conseguira encontrar. As primeiras diligências que faz na grande cidade de Berlim não são animadoras...

Aborrecido, decide-se finalmente a ir visitar um seu tio, professor em não importa que cidadesinha do oeste alemão, onde ainda reina uma paz primitiva, ingénua e deliciosa.

Encontra, então, um amorável lar, cheio de candura, e sente prêso o seu coração por uma suave e sossegada rapariga, Regina, uma loira ideal.

E, sem que êle saiba como, pouco a pouco, aquela singela menina, com o seu olhar purísimo, os seus gestos sempre suaves e iguais, a sua adorável beleza, apodera-se-lhe do coração. Depois de madura reflexão, Frank decide-se e faz dela sua mulher. Regina, no culêvo do seu amor primeiro, entra então num meio social onde, forçosamente, deve sentir-se estranha.

Doris, uma pintora, este enigmático...

A inveja da sociedade aonde a inexperiente criança dá entrada, em breve a enlaça para a perder. Surge, principalmente uma jóvem pintora, a linda Doris, a qual tendo em vista jungir Frank ao seu carro de vencedora, faz tudo quanto pode para lhe perder a espôsa. Convida então Regina a ir — com mais duas outras criaturas muito em voga nos salões — ao seu *atelier*, a fim de ela lhe fazer o retrato, ou antes, um esbôço a óleo. Assim sucede, e a pintora presenteia logo a seguir, com o seu trabalho, um moço adido, muito em destaque no mundo das elegâncias, e o qual, desde há tempos que andava empenhado em despertar as atenções de Regina, levando ao lar de Frank a vergonha e a desolação.

Por essa ocasião, Frank anda muito preocupado com os preparativos duma viagem que quere empreender à África, para estudar uma grande obra de engenharia.

Durante a sua ausência, Regina recebe uma noite, em sua casa, um estranho visitante... É seu irmão, um rapaz perfeitamente perdido, indolente e de péssimo porte, e o qual, tendo já por uma vez tentado roubar o cunhado Frank, vem exigir da irmã que lhe dê dinheiro, visto querer fugir para o estrangeiro. Os seus sentimentos são de tal ordem que já em certa ocasião agredira o próprio pai atirando-lhe com um copo à cabeça... Regina tem-lhe pavôr, temendo-o em absoluto.

É com horrôr que a governanta, sem saber do parentesco existente, presencia a scena e vê Regina tôda a tremer, obedecendo às exigências da visita, a qual por fim sai cautelosamente. Depois de uma certa hesitação, a governanta julga-se no dever de pôr Frank ao corrente de tudo quanto presenciou.

Já ao tempo Frank tinha notado uma certa mudança no aspecto de sua mulher, agora tão desassossegada e triste. Depois do que a governanta lhe conta e ainda porque as duas criaturas que haviam acompanhado sua mulher a casa da pintora, o põem ao facto de tudo, Frank vai a casa do adido e, cheio de dôr, descobre pendurado numa das paredes o retrato-esbôço de Regina, infligindo então um correctivo ao petulante conquistador.

Convencido da falta da esposa faz as malas e abandona o seu lar sem se despedir de ninguém.

No vagon aonde segue começam a atenuar-se os odiosos traços que as suas suspeitas possuíam: diante dêle surgem as formosas e felizes recordações do passado. Uma voz íntima lhe segreda que aquela mulher, por êle próprio escolhida entre tantas, não poderia, nem por pensamentos, ser culpada como êle suspeitava. Entanto consigo próprio rompe com os seus maus pensamentos, trepa para uma locomotiva desocupada e volta para o seu lar, aonde encontra a esposa querida nos transes da agonia. A desventurada havia tentado enforcar-se, depois de escrever ao marido uma carta que as lagrimas manchavam e na qual lhe contava tôda a verdade, todo o seu doloroso segredo.

Quem poderia avaliar os ardidos designios da linda Doris?...

A pintora, com a sua belezа e a sua elegancia, disimulava uma alma cruenta...

Depois de algumas horas de luta, de novo a vida volta a animar o corpo da desventurada. A tragedia está tocando o seu termo. E um delicioso presentimento de futura felicidade começa então a pôr fim àquilo que fôra um horrível pesadelo...

Na humildade feliz em que vivera Regina...

Desvanecera-se a pesadela horrível: ia começar a felicidade definitiva.

* * *

Benito Perojo, o grande encenador espanhol, terminou o seu filme «A condessa Maria» segundo o drama de Luca de Tena, tendo como interpretes Sandra Milowanoff, Andrée Standard, Rosário Pino, José Nieto e Valentino Parera. É uma edição «Albatrós».

* * *

Alexandre Volkoff está em Berlim executando os exteriores do seu filme «Scherazada».

* * *

Ivan Mosjoukine volta à Alemanha, para filmar em Berlim um grande drama «O Presidente», sob a direcção de Genuaro Righelli.

Será sua «partenaire» a linda Suzy Vernon e o filme é comanditado pela «Universal», de quem Mosjoukine é contractado a longo prazo.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM

A Biblioteca do Convento de Mafra

ISADORA DUNCAN

DA SUA VIDA E DA SUA ARTE

Decorreram já três meses sôbre a morte trágica de Isadora Duncan.

O eco dessa notícia triste repercutiu-se por tôda a parte onde chegára o seu nome e se divulgára a sua fama. Aquele nome que em todo o mundo, se associára a uma grande mulher, que viveu intensamente a vida, porque muito amou e muito sofreu, e a uma grande artista que rehabilitou e dignificou a sua arte, porque a libertou duma fase mèramente decorativa, para lhe restituir o seu valor altamente expressivo.

O drama da sua vida e o da sua arte, vêmo-los sempre intimamente ligados: é que a sua arte é uma expressão profunda da Vida, e a sua vida convertera-se sempre numa bela obra de arte, onde o constante fervor dos ideais, a comoção das intensas alegrias e o pungente martírio das dôres, se alternaram incessantemente, num longo calvário trágico. Na sua vida, Duncan, procurou uma simplificação de costumes que lhe permitisse ser uma artista com individualidade; na sua arte atilizou uma técnica espontânea que lhe consentísse revelar com a maior sinceridade, sentimentos, ideas e sensações.

Como esta mulher se impõe na Vida e na Arte! Como deve ser admirada no seu apostolado de beleza!

Contudo não faltou quem pretendesse diminuir-lhe o prestígio, servindo-se de processos menos elegantes, desde a vexatória análise do seu corpo, onde quiseram não ver beleza, até à acusação de não acompanhar os ritmos musicais sob que delineava a sua corégrafia, e de não respeitar a moralidade da época em que viveu, exibindo-se em plena nudez impúdica. Como se a sua maior beleza não residisse na faculdade de revelar aspectos da Alma, através dum temperamento superiormente estético; como se milhares de séres simples e cultos não tivessem vibrado intensamente vendo-a dançar, por sentirem que os temas humanos tratados por clássicos da música, tiveram nela a sublime intérprete — e não podia ser sublime se não respeitasse o elemento fundamental da música: o ritmo —; como se a nudês influenciada pela concepção grega do divino, não inspirasse sentimentos de castidade!

Recordemos a sua vida.

*

Isadora Duncan nasceu em São Francisco da Califórnia, no ano de 1883.

Sua mãe era descendente duma família irlandesa, e seu pai, de origem escocesa, era banqueiro e promoveu em São Francisco, exposições, concertos e a apresentação de vários artistas.

Este interêsse do pai Duncan por questões de arte, cêdo se reflectiu nos filhos de Elizabeth, Raymond, Isadora e Augustin que, ainda crianças e em ar de brincadeira, faziam representações teatrais com peças, scenários, adereços e guarda-roupa ingênuos, mas da sua autoria.

Raymond, que mais tarde se empregou, primeiramente como *reporter* de jornais, depois como telegrafista e em seguida como impressor, e que nas horas vagas fazia versos e escrevia peças de teatro, interessou-se particularmente pelo estudo dos movimentos do homem, consagrando as suas primeiras investigações à análise da sua forma de agir nas profissões que desempenhava.

Dado o seu temperamento acentuadamente artístico, era de prever que das deduções a que chegou sôbre os movimentos na actividade lógica do homem, passasse a ocupar-se dos movimentos na actividade estética, tanto mais que cêdo, quando impressor, reconheceu a acentuada desharmonia do seu esfôrço no manejo dos instrumentos que empregava.

Isadora bailando no Partênon

Encontrou aí os primeiros fundamentos da estética que no futuro viria a absorver-lhe quási completamente o trabalho mental e a influir tão poderosamente na actividade artística da sua irmã Isadora.

Tinha vinte e cinco anos quando recebeu a notícia de que o pai, ausente em Inglaterra, morrera afogado. Partiu para Londres a fim de liqüidar os negócios paternos e voltou cheio de esperanças num prometedor futuro que a Europa lhe oferecia. Venderam a casa de São Francisco e partiram para Nova York. Aí, tudo o que possuíam, mobílias e roupas, foi destruído por um violento incêndio. Amigos da família constituíram-se em comissão para angariar meios que permitissem, a Isadora e aos seus, partirem para Londres.

Começaram assim vida nova no fim do século passado.

A influência de Raymond sôbre Isadora tornou-se cada vez maior. Dispondo, como chefe de família, de recursos que lhe permitiam talhar o futuro dela, proporcionou-lhe os meios de cultivar o seu talento.

Em 1899 viu em Londres a grande trágica Eleonora Duse, que profundamente a comoveu.

Depois em Paris, Raymond e Isadora viveram num grande sonho. Freqüentaram os museus para estudarem os ritmos da arte. Raymond aplicou-se ao desenho. Isadora analisava atentamente as atitudes, os gestos, os movimentos. E a estética grega foi o modêlo que mais intensamente os impressionou, e que adoptaram. Como, porém, eram apertadas as paredes dêsses cemitérios de arte, para a sua ilimitada ânsia evocadora! Era necessário conhecer directamente o ambiente próprio onde se geraram obras tão sublimes, sentir vivendo na terra e entre a gente que as criou. E partiram mais uma vez.

Isadora e Raymond, irmãos, viveram uma vida simples, cheia de beleza, penetrados pelo espírito do povo que realizou a grande civilização da Euritmia máxima. Criaram o ambiente que mais os aproximasse daquela época em que fervorosamente procuravam surpreender a beleza na sua essência mais peregrina. E entre essa gente que recorda as remotas tradições; na mesma paisagem que enquadrou a sua vida; e pelas velhas ruínas dos templos do culto pagão, passavam trajados à antiga maneira helenica, esquecidos da época presente, sonhando, evocando, supondo sentir completamente o que os apaixonava.

E até os rudes camponeses que os viam passar, os tomavam por reincarnações de espíritos eleitos, de alguns dos seus gloriosos antepassados!

Tiveram um estudio. E a vida que então fizeram, de hábitos sãos e trabalho aturado, preparou-os para avançarem no mesmo caminho.

Raymond prosseguiu nos seus estudos sôbre a simplificação dos movimentos na arte, no trabalho e no desporto, estabelecendo comparações com a iconografia grega, estudos que muito aproveitaram a Isadora. Continuou dedicando-se às artes do desenho, pintando, compondo painéis decorativos e trabalhando nas suas produções teatrais. Casou com uma mulher grega, chamada Penelope, de raro encanto e talento artístico, e com ela viven a vida dos pastores e dos cultores da terra; apascentando os gados, tecendo as roupas com que se vestiam. Visitou Paris; levou à América do Norte versões em grego moderno, entre elas de Eurípides, e, finalmente, fixou-se na capital francesa.

Isadora envolta numa túnica dançava em plena Natureza e nos templos. Em Athenas deu-se um incidente que tem sido relatado e que mostra como ela punha na sua arte todo o entusiasmo e devoção. Convidada a suspender as suas danças, num dos sagrados templos, disse, despreocupadamente, prosseguindo:

— Fiz voto de rezar na Acropole. Rezo como sei! ...

Foi para Paris onde dançou, causando grande surprêsa e admiração, mas não sendo compreendida, nem alcançando o êxito que merecia. Partiu então para a Alemanha, que acolheu, por forma quási idêntica, a sua arte, a um tempo revolucionária e dum classicismo puro.

Esteve em Baireuth, no ano de 1905, assistindo aos festivais wagnerianos, e nêsse mesmo ano fundou a sua primeira escola.

Nos fins de 1907 visitou a Rússia, deixando lá os fermentos que deram ao Bailado Russo de Pokine um carácter mais humano e mais expressivo. Voltou a Paris, alcançando então o formidável triunfo que não mais se esquece, e lá ficou leccionando no seu estúdio de Neuilly. Teve o seu primeiro filho, Deardree.

Em 1909, com um grupo de raparigas que, novíssimas, a acompanharam no seu apostolado, ouvindo-lhe as lições e seguindo-lhe o exemplo, realizou em Paris bailados interpretativos de Gluck. Isadora era então, ainda, o ídolo, que a loucura sensual, o estranho fulgor, e a arreba-

tadora beleza dos bailados de Diaghilev, não derrubaram. Dançou livremente interpretações de Gluck, Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Chopin, Wagner Liszt e Tchaikowski, para espectadores que algumas vezes choraram de comoção. Em 1910 nasceu-lhe o segundo filho, Patrick.

Encontrou-se em 1912, em Moscovo, com Scriabine e com êle projectou fundar uma escola e um templo de música e de dança na Índia. Mas não pôde realizar êsse desejo: teve de partir para França e o grande compositor russo faleceu depois.

Uma noite em que Duncan era ovacionada pelo público que enchia o teatro Chatelet, gritaram-lhe que dançasse a «Marcha fúnebre», de Chopin. Agradecendo sucessivas vezes os entusiásticos aplausos que lhe dispensavam, Isadora retirou-se para o seu camarim onde a aguardaram alguns admiradores, entre os quais Mounet-Sully, que lhe preguntou se não satisfizera o desejo do público dançando a «Marcha fúnebre».

Uma bela pose da grande Isadora

Isadora, deixando caír a cabeça, murmurou: «Não. Podia trazer-me mau agoiro!...»

E contudo, daí a dois dias (19 de Abril de 1913) dava-se êsse trágico desastre que lhe roubou a vida dos seus pequeninos, precipitando-os dentro dum automóvel no Sena!

Estremosíssima mãe, ferida nos seus mais profundos afectos, quis afastar-se de tudo o que lhe recordava os filhinhos queridos, e partiu cheia de dôr, no auge da sua glória, para os Balkans, em peregrinação devota, praticando o bem, pondo a sua infinita bondade e carinho ao serviço dos que sofriam os horrores do cólera e da guerra, que então arrazavam o Epiro.

Voltou mais tarde a Paris, onde recomeçou a sua obra educativa, adoptando seis das suas discípulas, entre as quais, as já hôje notáveis bailarinas Ana, Lisa e Irma, que tôdas adoptaram o apelido da mestra ilustre.

Engordara e envelhecia! As suas danças não tinham já o grande poder sugestivo doutros tempos. A sua carne, em massas grosseiras, antepunha-se, pendendo, às elevações tôdas espirituais que a sua alma eleita promovia; acordando constantemente no espectador, o sentimento da matéria, tão inimigo da essência superior que a animava! E todavia a sua dança comovia ainda, intensamente: aspecto, agora dolorosamente triste, duma alma que sofria muito.

Em Maio de 1921, Lunatcharsky, comissário geral das belas artes do govêrno dos soviés, convidou Duncan, por intermédio de Krassine, para ir à Rússia ensinar a dançar mil crianças de ambos os sexos. Despediu-se de Paris dançando, a pesar de já estar em iniludível decadência física.

Confiando nos resultados da sua acção, partiu para a Rússia, onde dançou ante os comissários do povo. Lá, casou com o estranho poeta Serge Essenine. Parece que êsse desgraçado casamento foi uma das maiores torturas da sua vida. Essenine, foi, segundo dizem, um poeta de grande talento. Aos dezasseis anos o seu nome ganhara fama por tôda a Rússia, tendo sido convidado pela Côrte Imperial para recitar os seus poemas ao Czar. O autor das «Confissões dum vadio» foi o chefe dum novo movimento literário baseado no valor sugestivo da fonética. Porém, detestável marido, duma grosseria sem limites, maltratando a mulher e fazendo-lhe uma vida horrorosa.

Duncan, desiludida com a obra dos soviés, que não correspondia ao que idealizára, e cheia de descrença relativamente aos projectos que levara, regressou a Paris, acompanhada pelo marido, de quem se separara após repetidas brutalidades, escandalosas scenas de bebedeira e um atentado de suicídio. Não mais o viu. Essenine partiu para a Rússia e Isadora só mais tarde, quando se encontrava em Nice, veiu a saber que seu marido se enforcara em Leninegrado.

Depois da separação continua a via dolorosa.

Que horrores passou! Que dificuldades, que tortura!

Nova peregrinação pelo mundo, agora apegada quási a fé; a sorte inteiramente adversa. Desalento e fome!

Mas nesta tenebrosa fase da sua existência, surge a esperança duma suave claridade bemfazeja: o coração dum amigo, de Seroff, o seu amor, a sua carinhosa amisade! E com êle parte para Nice, onde instalam novo estúdio. Pouco, porém, havia de durar a felicidade de Isadora! Ferida no seu amor pela perda do amigo querido, que se enamorou duma jóvem americana, sua discípula, tentou suicidar-se teatralmente, entrando pelo mar dentro, numa dança de despedida da vida e da arte, em que quási só encontrára constante sofrimento.

Salva por um oficial inglês, chamado Peterson, Isadora continuou vivendo em Nice até ao dia 14 de Setembro passado. O trágico desastre de que foi vítima, pôs fim à sua desditosa existência: o automóvel em que passeava «capotou» e a sua «écharpe», prendendo-se numa roda, estrangulou-a. Quando a socorreram encontraram-lhe a espinha dorsal partida.

Dois dias depois, o seu cadáver foi enviado para Paris, onde o incineraram no Père Lachaise.

•

A arte de Isadora Duncan!

O que se tem escrito sôbre ela, o que se tem dito, favorável e desfavorável! Estudos completos apareceram, coligindo-lhe os vários aspectos, apreciando-a numa justa unificação crítica.

Duas conclusões havemos de tirar: que Isadora foi uma grande artista e que a influência da sua arte foi também grande e altamente educativa.

Que foi uma grande artista sabem-no todos os que vibraram intensamente vendo-a dançar; os que reconheceram que poucos teem exteriorizado por forma tão comoventemente sugestiva, os sentimentos da alma humana. Que a influência da sua arte foi também muito grande e altamente educativa, reconhecê-lo-hão todos aqueles que estudarem a evolução da corégrafia do presente século.

As tecnicas francesa e italiana, tanto clássicas como românticas, reduziram a dança a uma fase meramente decorativa

Um dos últimos retratos de Isadora

e inexpressiva, assente em habilidosa e complexa acrobacia. As escolas russas, adoptando-as e aperfeiçoando-as, mantinham, contudo, a sua tradição; essa tradição que desacreditou a dança, atribuindo-lhe um valor artístico absolutamente secundário.

Duncan foi a primeira artista que desprezou todos os preceitos da técnica convencional, dançando livremente, sem a falsa imposição de receitas corégráficas, de passos estudados abstractamente e aplicados sem distinção aos mais diversos desempenhos e nas situações mais opostas.

Foi Duncan quem nos fez ver como era ridícula essa arte, como se transformara exclusivamente na exibição duma técnica complicada de «pontas», «entre-chats», «piruetas» e «cabriolets», alheia a influências psíquicas: o principal agente gerador da obra de arte. Foi ela quem nos revelou a beleza do corpo humano na dança, dançando quási nua, em oposição ao uso dos «maillots» hipócritas e sensaborões, das «tarlatanas» idiotas e das artificiosas «sapatilhas», tudo falso e conseqüentemente inestético. Foi ela quem adoptou nas interpretações corégráficas, composições de elevada inspiração e mérito musical, quando os seus antecessores utilizaram tôda e qualquer música que tivesse ritmos bem definidos e simples, que permitissem um sensível ajuste da mixórdia corégrafica marcada.

Êste critério da ilustre dançarina, aliado a um forte temperamento estético e a uma vincadíssima personalidade, contribuiu para que a sua arte atingisse um tão elevado valor plástico e espiritual, uma tão rara e pura beleza.

V. Svetlow, o notável crítico russo, escreveu:

«Duncan limitou-se a ressuscitar, com todo o seu significado, a arte plástica que nos tempos da antiga Grécia, inspirou os poetas, os escultores e os músicos.»

«...ela quis que o valor da dança, sob o ponto de vista de significado, sentimento e ritmo, se elevasse mais alto que a virtuosidade mecânica do velho classicismo. Muitas vezes os processos mecânicos, à fôrça de serem repetidos, acabam por tornar-se, a despeito da perfeição técnica que atestam, uma simples rotina pouco interessante para os artistas. Para que haja arte, a presença de qualquer elemento criador, de qualquer impulso expontâneo é indispensável, ainda que independente da forma segundo a qual é construída a dança. Sob êste ponto de vista, Duncan pôs, decididamente, de parte, todo o arsenal da virtuosidade mecânica que se considerava, até ao seu aparecimento e por direito de tradição, indispensável no bailado.»

O distinto artista Pierre Louys disse:

«E desde logo ela nos comove com aquele entusiasmo, aquela sinceridade, aquela fé, que reside nela e que ela nos transmite. Ela não dança nem para um público, nem para um «cachet», nem mesmo para a sua glória. Dança para si...

...aparece, e desde que aplaudimos nela, antes de mais nada, a alegria da dança, somos subjugados pelo assunto do espectáculo que a dançarina nos dá. Vai animando as estatuetas antigas, figuras de vasos que nós tínhamos visto imóveis e que parece ressuscitar; ora inventa, reconstitui — que mais vos direi eu? — interpreta, porque assim é preciso.»

O célebre Daleroze, num dos estudos literários para a sua «Euritmia», atribuindo o justo valor ao movimento na plástica rítmica, escreveu:

«Em muitas das suas interpretações plásticas, Isadora Duncan submete instintivamente o corpo a um constante movimento. São essas danças, entre tôdas as que nos apresenta, as mais cheias de vida e de poder expressivo.»

Num snobismo intelectual muito freqüente nos tempos que vão correndo, disseram mal dela, acusaram-na até de não ter técnica! Como se o conjunto de processos que sempre lhe permitiram simbolizar admiràvelmente estados da sua alma, não constituisse de facto uma técnica! É verdade que era em extremo livre e espontânea e que nada se parecia com a técnica acrobática, mas por isso mesmo nunca deixou de ser o seu agente de exteriorização.

Quando ela dizia a Fernand Divoire: «Eu não sou uma dançarina. Eu não sei dançar. Mas a vida deve ser um bailado... eu queria ver uma humanidade nascida da música, Isadora defendia com o seu exemplo o princípio revolucionário contra os processos académicos, sobretudo os falsos, desde que o artista seja sincero e possua faculdades de sensibilidade e de representação. Nada disso lhe podemos negar. A sua arte nasceu sempre expontânea e subconscientemente, ao contrário dos recados ensinados friamente, concebidos pelos mestres de bailado e executados servilmente pelas dançarinas.

Foi sempre expontânea e subconsciente, prova-mo uma pequena local publicada há tempos nas «Nouvelles Littéraires» e que diz o seguinte:

«Gabrie Pierné conta que nunca conseguiu fazer com que Isadora ensaiasse antes dos espectáculos que êle estava encarregado de dirigir.

«— Eu dançarei, dizia-lhe a bailarina.

«— Contudo é necessário que eu ajuste os movimentos da orquestra com os seus, respondia-lhe o grande músico.

«— Não se inquiete com coisa alguma, toque, eu dançarei.

«E à noite, com efeito, ela entregava-se à sua inspiração, sem nunca deixar de ser admirável.»

Que diz a própria dançarina sôbre a sua arte? Entre escritos seus encontro o seguinte:

«Quando eu tinha quinze anos e verifiquei que não havia professor no mundo que me pudesse auxiliar no meu desejo de ser uma dançarina, porque nêsse tempo a única escola que existia era o bailado, voltei-me como todos os outros artistas, com excepção dos dançarinos, para o estudo da Natureza.»

O retrato de Isadora pelo genial Léon Bakst

E a sua influência, o seu valor educativo, também os negam?! Ridícula pretensão! Em que consistiria, pois, o seu valor de grande artista?!

Que não deixa escola, dizem, que foi pretenciosa, que mais hão-de dizer?!

Georges Fuchs publicou:

Inteiramente dominada por tendências literárias, a douta «miss» Duncan armou-se em facho do novo movimento, tendo por fim inculcar ao povo a compreensão da arte.»

E P. G., colaborador do «Candide», afirmou:

«Centenas e talvez milhares de raparigas e de mancebos desfilaram pelos estúdios de Isadora para ouvir a sua prédica.

«O seu ensino foi duma esterilidade aflitiva. De facto, que hiavia ela de ensinar aos seus discípulos? Não lhes podia endossar a sensibilidade. Tirado isso, que ficava? Ela recomendava-lhes que fôssem livres, que abrissem as suas almas ao ritmo da Natureza, que sentissem as pulsações do Universo. Era nebuloso e vão. (Isso é talvez o que há de mais lamentável nêsse destino). Nem alunos, nem ensino, nem tradição, nem técnica. Nada a não ser um nome. Um grande nome.»

André Levinson também se referiu ao «duncanismo» por forma depreciativa:

«Os métodos de Duncan, que anunciando a renovação da dança, provocaram o levantamento em massa das raparigas descalças e sensíveis, não foram tanto uma revisão dos valores como um prodromo da «decadência do Ocidente», um fenómeno de dissolução, o «rousseanismo» conduzindo a arte saltante ao estado de natureza e combinada com a afectação dos «pre-rafaelistas» anglo-saxões; foi a dança posta ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as pernas. Foi uma tentativa de vulgarização sem semelhante. O bailado quási sucumbiu a êste atentado.»

Ensino estéril; ausência de tecnica, de tradição; prodromo da «decadência do Ocidente»; tentativa de vulgarização; fenómeno dissolvente?

Não, nunca! Tudo isso é a repetição da velha lenga-lenga, assente em princípios falsos, que me recorda a frase dum amigo: — «Eu tenho infinita pena dos críticos de arte que muitas vezes nem tempo teem para pensar no que vão escrever. E o mais engraçado é que os críticos sucedem-se e digam êles o que disserem, todo aquele que de facto é um artista, consegue sempre fazer-se aplaudir.»

Dizem que não deixou escola! E ainda bem que assim sucedeu. Se devemos entender por escola um agrupamento de receitas, de linha e formas gerais de construção, de sentimentos dominantes em tôdas as obras de arte. Porque eu estou convencido de que a escola, que sustenta os mediocres, prejudica os artistas de verdadeiro valor.

Mas por êsse motivo devemos concluir que não influiu decididamente nas gerações seguintes, que não educou, nem deixou discípulos? Então o exemplo da sua arte não foi para todos a revelação do que quer que é de novo?

O famoso bailarino Nijuski disse:

«Isadora Duncan é uma grande artista. A sua influência na corégrafia moderna, foi muito importante. Antes dela se ter dado com o êxito que é conhecido, a corégrafia era de algum modo restringida por uma técnica exigente. Isadora ousou dar liberdade ao movimento; alargar o espaço dentro do qual o artista devia evolucionar; abolir as fronteiras que o uso instituira. Ela abriu a porta da cela aos prisioneiros. Fokine, o grande Fokine, seguiu as suas pisadas e atingiu o apogeu. Numa palavra, antes dêles, a fantasia e o temperamento do dançarino eram limitados.»

O distinto crítico Whitworth, escreveu:

«Nem tão pouco devemos esquecer a libertadora fôrça emanada da arte de Isadora Duncan, cujo heroico exemplo contribuiu muito, muito mais do que todos os preceitos filosóficos, para alargar as nossas ideas no sentido das capacidades intelectuais e espirituais da dança.»

E V. Svetlow, referindo-se à influência de Duncan, no bailado moderno, afirmou:

«Falando do bailado de hoje, não se pode esquecer Duncan. Ela exerceu uma influência considerável sôbre a vida e sôbre a renovação da corégrafia vetusta. Falando duma forma geral, a sua propaganda resume-se num combate contra as formas antiquadas do bailado, tanto sob o ponto de vista do traje actual, absurdo e incómodo, como da dança de teatro tal como a praticam, e em que a perfeição técnica se converte em insípida acrobacia, em extravagância.

«Segundo Duncan, a dança teatral deve ser um culto da plástica; e a dançarina, uma estátua animada, uma realização do mito de Galathea. A beleza do corpo humano tem um valor expressivo particular, individual, que os véus escondem ao espectador, sem motivo, sob o ponto de vista da sã estética e da moral sã. Porque a semi-nudez inspira sempre mais curiosidade perversa e más ideas do que a nudez franca.»

Isto é o seu ensinamento e a sua influência. E os princípios fundamentais do seu sistema, não os expôs sempre dançando para que os aprendessem e adoptassem todos os que desejavam entregar-se ao mesmo culto de beleza?

Foi, porventura, a propaganda daquelas teorias, decadente, estéril ou banal?!

.....

É então uma cretinice o ataque?!

É a oposição surda dos cabotinos, contra os mais arrojados gestos de emancipação humana.

E nada mais.

LUÍS REIS SANTOS.

FEMININA

A MODA PRÁTICA

Nos figurinos, nos grandes mostruários de elegâncias, nem sempre a beleza dos modelos, a sumptuosidade das criações célebres, tem a suprema qualidade de nos dar modas eminentemente práticas, modas que se não usem apenas por compra nos grandes modistos, pagas a pêso de oiro, mas sim que possam executar-se em Portugal, com a colaboração duma costureira habilidosa e do bom gôsto da senhora elegante, que deseja vestir-se dentro das leis rigorosas do bom tom.

Vejam, por exemplo, o lindo modêlo de sáia e casaco, que hoje publicamos.

Não pode imaginar-se nada mais simples e mais elegante, perfeita e absolutamente elegante, duma linha esbeltíssima e dum invulgar bom gôsto.

O mesmo diremos do encantador chapelinho de fêltro, que também publicamos. Presta, à formosura do lindo modêlo, uma graça e um donaire pouco vulgares.

NO MEDALHÃO: Delicioso chapelinho de feltro com penas ao lado.

(Foto Manuel Freres)

Um tipo de «sport» de infinita elegancia e grandemente prático. Blusa em malha de seda branca e preta. — Modelo Tricot Ras. — *(Foto H. Manuel)*

EM S. TORCATO

AGAPITO, O MAIS PEQUENO SINEIRO DO MUNDO

Saímos da cidade, formando um pequeno cortejo com autos, que o Aguiar, cônsul honorário de Lisboa em Braga, organizára em nossa honra... Se a lei das reincarnações, dogma de teósofos, se estendesse até às matérias, aos aços, às máquinas, diriam que eram zebras, despidas das decorações listradas das suas peles, sintetisadas até à alma — o que palpitava, dentro dos motores, reincarnados no envólucro luxuoso daqueles autos... Durante duas horas ás estradas, que um giz enorme riscára a branco, a meio dos montes, à beirinha dos abismos, eram tragadas, numa glutoneria insaciável...

— Para onde vamos? indaguei ao artista do volante — ao *médium* em comunicação com as almas das zebras que agitavam o motor.

E êle sorria, num sorriso que era a promessa de um artigo...

* * *

Paisagem... Bosques que nos espreitam, do alto dos montes — e que vão logo esconder-se, assustados, por detrás de jardins... E as vinhas, exército que à distância parece liliputiano, galga, com furores de carga, as encostas polícromas. Cada curva da estrada, é uma página de album que se folheia; é um postal inverosímil que se contempla... É o Minho, palco de *Folies-Bergeres*, exibindo as múltiplas *féeries* dos seus scenários floridos...

Por fim surge-nos, ao longe, como a mão enegrecida dum caminheiro, firme, espalmada, de dedos espetados, impondo-nos um «alto» áquela vertigem: eram as tôrres e a Igreja de S. Torcato.

E o artista do volante, obedecendo ao «alto», fez ranger os travões — e anuncia:

— Eis as surprêsas prometidas...

* * *

Apeamo-nos... A velha igreja de S. Torcato, de acinzentada pedra e nodosas tôrres, recorda, de facto, a mão suja de um caminheiro... Mas ladeando-a e vendo a parte reconstruída — imaculada na brancura dos seus mármores polidos, temos a impressão que o caminheiro deixou ali, dependurada do céu, a luva alvíssima... mas que em breve a calçará de novo...

Entramos no templo... Na sacristia, as paredes estão cheinhas de quadros coloridos... No Minho, as promessas, os agradecimentos aos milagres dos santos, são patenteados pelo pincel de pitorescos artistas, singularmente expressivos, no primitivismo dos seus processos... O motivo é quási sempre o mesmo... Um doente em cama de rubra cobertura, cercado pela família, que se ajoelha, contemplando pasmada e agradecida, a visão do santo milagreiro, aureolada de anjos.

Sobe-se ao altar, e no altar, dentro de uma urna de cristal, está um corpo mumificado... É o corpo de S. Torcato... É um cadáver que data de há mil e tantos anos...

* * *

Contemplo-o, com fixa atenção... Um pápa houve que o fez santo... Santo e bem próximo de Deus deve estar, se pesarmos os milagres que lhe atribuem e a fé, que ao povo inspira... Contudo, não consegui conter o sacrilégio do meu olhar, que apenas perscrutava, esquecido da santidade da imagem, o mistério dos dez ou onze séculos simbolizados naquele corpo. O tempo, empedernindo a epiderme, formando numa só massa de granítica dureza, carne e ossatura, não destruiu o desenho do rosto, a luz subtil da expressão. A morte não o veiu surpreender na velhice. Aparenta uns quarenta anos, se tanto... Foi bispo em Braga, antes da fundação do reino, e foi soldado da guerra santa — da guerra contra a moirama... E bravo! Do exército que comandava restava-lhe um punhado de homens que lutou até morrer... Refugiaram-se num bosque; os sarracenos farejaram-no — chacinando-os depois... E é ainda bem visível no pescoço, à direita, a frincha aberta pela cutilada que o prostou, enviando-o, tal como estava, para uma longa caminhada, tão longa que chegou até mim e passará para além da decomposição do meu corpo...

* * *

Estranho pensamento! Custa-me repeti-lo em voz alta... Por muitas descrições que se leiam sôbre os homens das eras passadas; por muitos retratos antigos que se tenham oferecido à nossa contemplação e estudo, no fundo da nossa alma existe sempre uma dúvida... É que o «tipo humano», o «modêlo» que está em moda desde que nascemos, difere

O nosso colaborador *Repórter X* entrevistando, frente à nova igreja de S. Torcato, Agapito, o mais pequeno sineiro do mundo

(*Foto Santos Lima, de Braga*)

do das outras épocas; e que, quantos mais anos o tempo recuar, maior diferença entre os recortes fisionómicos...

E é da dúvida dessa diferença que nasceu a minha curiosidade sôbre os homens do passado. Como seria César? E Aníbal? E Viriato? E Afonso Henriques? Nós bem sabemos que os historiadores os descrevem de nariz aquilino, como Mussolini, ou de barbaças, como o Guerra Junqueiro — mas não acreditamos nos historiadores.

Tenho à minha frente o corpo de S. Torcato, do que foi bispo, do que viveu para além do ano 1000... Está tal e qual como morreu — há dez séculos... Procuro adivinhar, anciosamente, no «modêlo» da sua expressão, no «tipo» do seu rosto, como seriam os «homens da sua época»... Não encontro diferença... S. Torcato assemelha-se, na correcção do perfil, na finura dos lábios em tôda a moldagem craneana, a centenas de «homens» — a todos os homens que se vestem do modêlo plástico da minha época...

* * *

Quando saímos do Templo, os sinos repicavam, alegres, festivos, desenhando harmonias no espaço azul...

— Prepare-se para o *segundo assunto*... — ousou o meu cicerone.

— ?

— O sineiro...

— Toca bem... confessei por desfastio. Sinto que é um artista... Mas tenho conhecido tantos sineiros...

— Como êste não conheceu nenhum...

Aguardei, sem impaciência, o fenómeno prometido. E quando êle apareceu, dei razão ao companheiro de viagem: como aquele não tinha conhecido nenhum...

É que o sineiro da igreja de Santo Torcato, tem dois palmos de altura apenas. É, sem dúvida, o mais pequeno de todos os sineiros da terra...

* * *

Enquanto Santos Lima, êsse admirável artista do retrato, nos kodakisa, pregunto ao sineiro liliputiano, como se chamava: Agapito Alves Pinta.

— Tenho dez anos — e preciso pôr-me nos bicos dos pés para chegar às cordas... E já toco há mais de um ano... Vim substituir meu irmão, que anda tolhido com reumatismo, coitado...

— E gostas de música, rapaz?

— Muito... Mas prefiro o sino a todos os instrumentos... Só os sinos sabem deitar cá para fora, o que a gente começa a pensar cá dentro. Se estamos contentes — *Blão! Blão! Blão!* — e a nossa alegria vai por tôda a parte... Se estamos tristes, *Tlon! Tlon! Tlon!* — e todos teem *peninha* da nossa tristeza...

— E o teu reportório é muito complicado?

Por *reportório* não compreendeu. Expliquei-me melhor. E êle responde:

— Ah! É, sim senhor... E basta-me ouvir uma vez...

Alguém assobia a *Canção da Espiga*, julgando trazer uma novidade...

— Isso já eu estou farto de saber... — informa o pequeno sineiro.

Cantarolei-lhe então um trecho em moda... E ei-lo que corre e galga a tôrre — e lá de cima a reproduz, agitando os sinos, que pareciam línguas de bronze, espreitando pelas bôcas de mármore da tôrre.

De volta ao átrio, pregunto-lhe:

— Quanto ganhas?

— Dez escudos por dia, fora as gratificações...

— E com quem aprendeste a ser sineiro?...

— Com meu pai... O «velhote» sabe muito de música... Ensinou a sua arte a todos os filhos — e desde pequeninos... Tem lá em casa uma colecção de muitos sinos e é nela que nós nos habituamos a tocar... Já o meu avô era sineiro... E o pai do meu avô também...

Despedimo-nos. Os autos tomaram a estrada de Guimarães... E ouvimos, durante algum tempo, os sinos de S. Torcato, badalando, alegres, festivos, como a dizerem-me adeus... E eu pus-me a pensar no sr. Charles Maurras e nas teorias tradicionalistas — tão bem representadas por aquela longa dinastia de sineiros, rematada pelo Agapito Alves Pinta, que tem dez anos e dois palmos de altura...

REPORTER X.

A AGUIA PRISIONEIRA

VERSOS DE ANTÓNIO FEIJÓ

Aguia soberba a quem mão perversa d'escravo,
Num ócio de tirano, os olhos arrancou!
E, a gosar dêsse feito o delicioso travo,
Da jaula hedionda a férrea porta escancarou...

A águia, aturdida e cega, a princípio esvoaçava
Rente ao chão, e a roçar com as asas na terra,
Sem saber d'onde vinha a dor que a lancinava,
Nem que mistério aquela obscuridade encerra.

Mas na ânsia de luz que a devora sem tréguas,
Cobra o ânimo, e erguendo o vôo, a tudo alheia,
Lança-se para o azul, sobe léguas e léguas,
Sem poder dissipar a treva que a rodeia.

E tão alto subiu no seu vôo desfeito,
Que de repente, não podendo respirar,
Sentiu que lhe estalava o coração no peito,
E veiu aos pés do escravo exanime rolar...

Alma humana! Águia cega em perpétua ansiedade,
Por mais alto que eleve o desvairado arrôjo,
Quando julga atingir a suprema verdade,
No pó, d'onde partiu, cai outra vez de rôjo!

(De *Sol de Inverno*)

VIDA SCIENTÍFICA

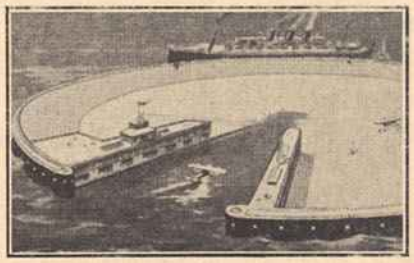
ILHAS FLUTUANTES PARA SERVIÇO DA AVIAÇÃO

O progresso do serviços da aviação vai-se realizando em dois sentidos. Uns procuram realizar grandes percursos de um só vôo. É o caso de Levine que, partindo de New York com 2.250 litros de essência, foi descer na Alemanha, tendo percorrido 6.200 quilómetros sem tomar terra. Outros pretendem que o avião se torne em veículo económicamente aproveitável para passageiros e mercadorias. Em vez de percursos de luxo, que exigem grande carga inicial de combustível, realizam percursos económicos, dispondo, portanto, de maior tonelagem útil. Um avião como o de Levine, que percorre 6.000 quilómetros de um só vôo, com 2 toneladas de essência, pode efectuar percursos de 2.000 quilómetros com 600 quilos de essência e tonelada e meia de carga — correio, passageiros e mercadorias.

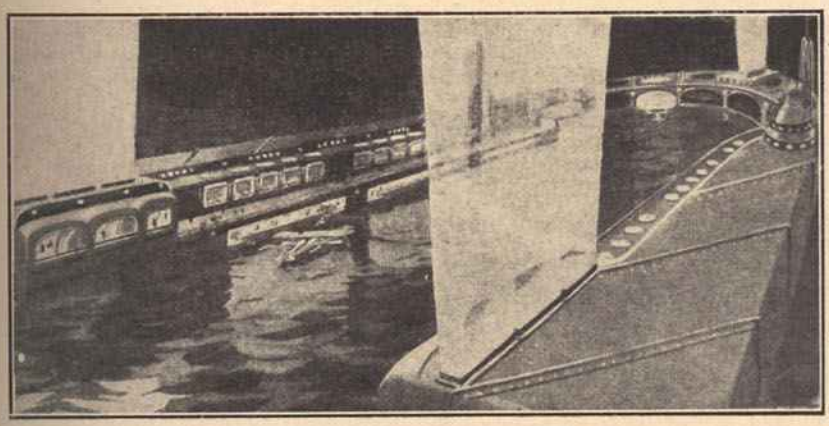
A aviação comercial tem-se desenvolvido muito. Os norte-americanos devem dispôr actualmente de cêrca de 20.000 quilómetros de linhas em exploração, umas de administração privada, outras dirigidas por organismos do Estado. Os alemães, que se consagraram principalmente à aviação comercial, desdenhando as competições sôbre duração de vôos, transportaram pelos ares, num dos últimos meses, 11.000 passageiros, 50.000 quilos de correspondência e 90.000 quilos de mercadorias.

Para a aviação comercial entre os dois continentes, conviria, portanto, que houvesse, no meio do Atlântico, um pôrto artificial, já que natural não existe, para que a duração dos vôos pudesse encurtar-se.

Tomando por pontos extremos New York e Paris, tem-se aconselhado os seguintes percursos: New York, Terra Nova, Pôrto artificial, Irlanda, Paris; ou New York, Bermudas, Pôrto artificial, Açores, Lisboa, Paris. O primeiro é mais curto, mas tem como inconvenientes a bruma permanente da Terra Nova e a orientação dos ventos em ocasião de temporal. Há quem aconselhe que a viagem New-York a Paris se faça pelo norte, mas que, em sentido inverso, se prefira sempre o percurso sul.



A ilha flutuante proposta por Amstrong e que vai ser colocada pelos norte-americanos entre as Bermudas e os Açores



Projecto de Defrasse — Doca flutuante para hidro-aviões

Êsses portos artificiais seriam ilhas flutuantes onde os aviões pudessem ser recebidos e abastecidos. A primeira dessas ilhas está em construção, de que tomou conta uma Sociedade americana. Está prometida a sua inauguração para o fim do corrente ano.

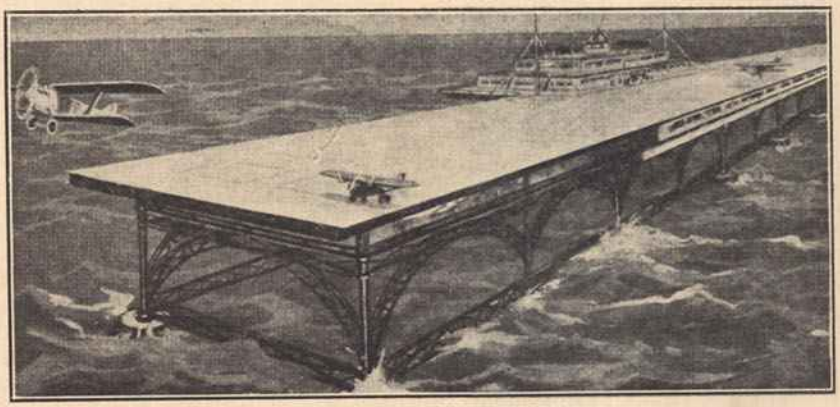
Essa ilha artificial, destinada a colocar-se entre as Bermudas e os Açores, será formada por uma série de flutuadores gigantes, vastos submarinos em que assentam pilares ligados por arcos. Êstes servem de suporte a uma plataforma rectangular, que fica a 80 metros acima do nível do mar e, portanto, fora do alcance das mais altas ondas. Dessa plataforma suspendem-se construções, à maneira de ninhos de andorinha, onde se aloja o pessoal e se armazenam víveres e utensílios. Um grande farol, oficinas de reparação, um hotel e uma instalação de telefonia sem fios devem ser construídos numa das margens da plataforma.

Esta ilha flutuante só pode servir para a aviação de tipo terrestre. Há, porém, outros projectos para acolhida de hidro-aviões, como é o de Defrasse: Um grande navio de cimento armado, aberto num dos topos que se prolonga em canal. Êste ancoradoiro é marginado por construções servindo de depósitos e de oficinas. Em cada uma das duas extremidades da ferradura há uma hélice propulsora, constituindo um sistema motor que permite orientar a ilha relativamente ao vento e às vagas.

Finalmente um terceiro projecto, devido a Féron, procura servir tanto os aviões terrestres como os marítimos. É uma ilha circular, chanfrada, assente sôbre pontões de cimento armado.

É de esperar, portanto, que tenhamos, de hoje a um ano, uma ilha de ferro flutuando entre os Açores e as Bermudas, e que Lisboa seja uma estação da via aérea comercial ligando New-York a Paris. A não ser que os progrsesos da aviação tornem dispensável a ilha artificial por aumento das possibilidades comerciais dos aviões em longos percursos.

F. MIRA.



Projecto de Féron — Ilha flutuante podendo servir para aviões terrestres e marítimos

ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

Bruscamente apareceu à direita uma abertura na muralha. Era o leito quási a pique de um *ued*, afluente daquele em que tivéramos a infeliz idea de nos meter. Uma verdadeira torrente rolava já por êle, com fragor. Nunca observei melhor do que nesta ocasião, a incomparável segurança dos dromedários ao treparem pelas mais ásperas rampas. Retesando o corpo, esticando as pernas enormes, arqueando-as entre as rochas que começavam a aluir, fizeram os nossos naquele instante o que talvez não tivessem conseguido muitos gamos dos Pirenéus. Ao fim de alguns instantes de esforços sobrehumanos, encontrámo-nos, finalmente, fora de perigo, numa espécie de terraço basáltico, que dominava da altura de uns cinquenta metros o corredor do *ued*, o vale onde, por pouco, não encontrámos a morte.

O acaso favorecera-nos: abria-se ali uma gruta. Bou-Djema conseguiu recolher nela os camelos. Da estrada pudemos contemplar em silêncio, o espectáculo prodigioso que se nos oferecia.

Certamente já tens assistido, no campo de Chalons, aos tiros de artilharia. Tens visto, quando rebentam os projécteis, essa terra de greda do Marne entrar em efervescência, como os tinteiros onde, no liceu, nós deitávamos um pedaço de carbureto de cálcio. Incha, sobe, ferve, no meio do estrondo que fazem os obuzes a estalar. Pois foi aproximadamente assim, mas no meio do deserto, mas no meio da escuridão. As águas precipitavam-se, brancas, no fundo dêsse buraco negro, e subiam, subiam, para o terraço onde estávamos. E o ribombo do trovão rolava sem parar, misturado com o estrondo, ainda mais forte, das muralhas, que, minadas pelas inundações, desabavam em panos inteiros, despedaçando-se e dissolvendo-se logo no seio da onda vertiginosa.

Todo o tempo, uma hora, duas talvez, que durou êste dilúvio, eu e Morhange estivemos dêbruçados, em silêncio, sôbre o fantástico balseiro, a olhar ansiosamente, deleitando-nos, com uma espécie de horror inefável, em sentir oscilar, às pancadas da água, o cabeço de basalto onde nós nos tínhamos refugiado. Creio que nem só um instante desejámos, de enlevados, que tivesse fim aquele gigantesco pesadêlo.

Um raio de sol luziu, enfim. Só então olhámos um para o outro. Morhange estendeu-me a mão.

— Obrigado, — disse simplesmente. E acrescentou, sorrindo: Morrermos afogados no meio do Saharà era pretencioso e ridículo. A sua decisão evitou-nos êste fim paradoxal.

Ah! porque é que o seu dromedário não havia de tropeçar, e êle, rolar para sempre no meio daquela corrente!... O que depois aconteceu, não teria acontecido. É o que eu penso em horas de desalento. Mas logo volto a mim. Não, não, eu não posso lamentar que sucedesse o que depois veio a suceder!

Morhange entrou na grutasinha, onde se ouvia o murmúrio dos camelos, satisfeitos. Fiquei sósinho a contemplar a torrente que subia, subia sempre, engrossada pelas águas impetuosas dos afluentes em fúria. Já não chovia. O sol brilhava no céu, outra vez azul. E eu sentia o meu fato, ainda há um instante encharcado, secar com incrível rapidez.

Senti uma mão no ombro. Morhange estava outra vez ao pé de mim. Estranho sorriso de satisfação lhe iluminava o rosto.

— Venha cá — disse êle.

Segui-o admirado e entrámos na gruta.

A abertura, suficiente para deixar entrar os camelos, deixava passar bastante claridade. Morhange levou-me a uma das paredes da frente.

— Olhe — disse, com alegria mal contida.

— O quê?

— Então, não vê?

— Vêjo algumas inscrições tuaregues — respondi um tanto logrado. — Mas parece-me que já lhe disse que eu não lia bem as inscrições em caracteres tifinares. Teem então mais interêsse que as outras que já encontrámos?

— Olhe para esta — disse Morhange. E tal era o tom de triunfo com que o dizia, que desta vez olhei com tôda a atenção. Era uma inscrição cujos caracteres estavam dispostos em cruz. Tamanha importância teve nesta aventura, que não quero deixar de a desenhar.

E mão nervosa traçou o simile.

Estava desenhada com muita regularidade, e os caracteres profundamente gravados na rocha. Sem embargo de eu não ter ainda a êsse tempo grande conhecimento das inscrições rupestres, logo reconheci que esta era muito antiga. Morhange fitva-a, cada vez mais radiante.

Lancei-lhe um olhar interrogativo.

— E então, que me diz? preguntou êle.

— Que quere que lhe diga? Repito que mal sei soletrar o tifinar.

— Quere que o ajude? — propôs o meu companheiro.

Uma lição de epigrafia berbere depois das emoções por que acabávamos de passar, afigurou-se-me, pelo menos, fora de propósito. Mas a alegria de Morhange era tamanha, que não tive coragem de lha estragar.

— Pois bem, — começou o meu companheiro, tão à vontade, com se estivesse diante da ardósia. — A primeira coisa que se nota nesta inscrição é o estar repetido em cruz, de alto a baixo e da direita para a esquerda. Como a palavar tem sete letras, a quarta, W, fica no meio. Esta disposição, única na epígrafe tifinar, é já muito notável. Mas há mais. Vamos a ver se lemos.

Com a ajuda de Morhange, enganado-me uma letra sim outra não, consegui ler a palavra.

— Atingiu a significação?

— Menos que nunca — respondi algum tanto impacientado. — Li a palavra: a, n, t, i, n, h, a,: *Antinha*. Mas tal palavra, nem parecida, não consta em nenhum dos dialectos do Saharà, que tenho estudado.

Morhange esfregou as mãos. A sua alegria tomou insólitas proporções.

— Acertou. É justamente nisso que está o valor desta descoberta única.

— Como assim?

De facto, nem em árabe nem em berbere, há palavras semelhantes a esta palavra.

— E então?

— Então, meu caro amigo, quer dizer que estamos em presença dum vocábulo estrangeiro, escrito em caracteres tifinares.

— E a que língua pertence êle, em sua opinião?

— Lembre-se primeiro de que o *e* não figura no alfabeto tifinar. Nesta inscrição está êle substituido pela letra que lhe corresponde de mais próximo: o *h*. Coloque o *e* no seu respectivo lugar, e achará...

— *Antinea*.

— Exactamente, Antinea. Estamos em presença dum vocábulo grego, reproduzido em tifinar. Creio que já estará de acôrdo comigo em que a minha descoberta oferece algum interêsse.

Pararam aqui as nossas explicações. Um grande grito, aflitivo, pavoroso, fez-nos correr para fora da gruta. Démos com um espectáculo singular. Se bem que o céu já estivesse completamente límpido, a torrente

continuava a rolar as suas águas de escuma amarela, sem que se pudesse ainda supor quando baixariam. No meio delas distinguia-se um objecto acinzentado, mole, que bamboleava, e que a corrente ia arrastando com desesperadora velocidade.

Mas o que logo nos encheu de espanto foi vermos Bou-Djema, ordinàriamente tão calmo, a saltar, paralelamente, pelos rochedos desmoronados da margem, como aquele destrôço, parecendo atacado, naquele momento, de verdadeira loucura. De repente, agarrei o braço de Morhange. O objecto acinzentado mexia-se. Saíu dêle um grande pescoço, como a implorar afiitivamente socôrro.

— Desastrado! — gritei eu. — É um dos nossos dromedários que êle deixou escapar-se e que as águas levam!

— Está enganado — disse Morhange. — Os nossos dromedários estão todos na caverna. Êste, que Bou-Djema quere apanhar, não é nosso. E digo mesmo que o grito de há bocado, não foi de Bou-Djema. O nosso guia pensa apenas em deitar a mão àquele dromedário que é para êle dinheiro a ganhar.

— Quem teria então gritado?

— Se quere, tentemos subir o curso da torrente, que Bou-Djema vai a descer tão depressa. E sem esperar resposta, pôs-se a caminhar ao longo da margem rochosa, tôda despedaçada.

* * *

Pode dizer-se que Morhange, nêste momento, foi ao encontro do seu destino. Fui-o seguindo. Com mil dificuldades, conseguimos andar uns duzentos ou trezentos metros. Por fim, avistámos, a nossos pés, uma espécie de pequena enseada, onde as águas baixavam, marulhando.

— Dê-me uma das mãos — disse Morhange e apoie-se com a outra, à rocha firme. Morhange era forte, muito forte. Num instante, como a brincar, trouxe o corpo para a margem.

— Ainda respira — verificou êle com satisfação. Tratemos agora de o levar para a gruta. Êste não é bom sítio para se fazer voltar a si um homem que cai à água. E levantou o corpo nos braços possantes.

— É extraordinário com sendo êle tamanho, pesa tão pouco!

Quando chegámos à gruta, a roupa de algadão do Targu estava já quási sêca, mas tinha desbotado consideravelmente. Era um homem dos que vestem de azul, que Morhange acabára de salvar.

Meti-lhe um copo de rhum pela bôca abaixo. Abriu os olhos, olhou para nós ambos com admiração, e, tornando a fechá-los, murmurou em árabe, com voz quási ininteligível, esta frase, que só mais tarde devíamos compreender: — *Terei eu chegado, porventura, ao fim da minha missão!*

— De que missão quere êle falar? — disse eu.

— Deixe-o recuperar de todo os sentidos, — respondeu Morhange. Olhe, abra uma caixa de conserva. Aos homens tão fortes como êste não são aplicáveis precauções indicadas para afogados europeus.

O homem que tínhamos salvo era, realmente, uma espécie de gigante. O rosto, se bem que muito magro, era regular, quási belo; a pele clara, a barba rala; os cabelos já brancos, indicavam uns sessenta anos.

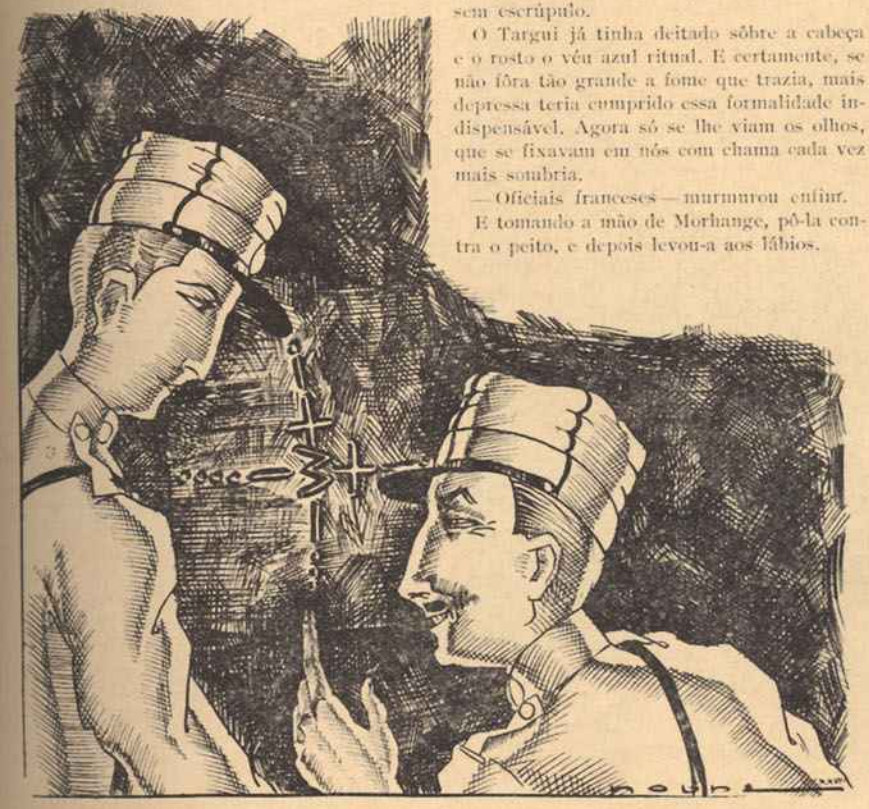
Quando viu diante de si uma caixa de *corn-beef*, os olhos brilharam-lhe de alegria. Era comer que chegava bem para quatro, mas êle devorou tudo num abrir e fechar de olhos.

— Bom, — disse Morhange, aqui está um apetite consolador. Já o podemos interrogar sem escrúpulo.

O Targui já tinha deitado sôbre a cabeça e o rosto o véu azul ritual. E certamente, se não fôra tão grande a fome que trazia, mais depressa teria cumprido essa formalidade indispensável. Agora só se lhe viam os olhos, que se fixavam em nós com chama cada vez mais sombria.

— Oficiais franceses — murmurou enfim.

E tomando a mão de Morhange, pô-la contra o peito, e depois levou-a aos lábios.



De repente, correu-lhe no olhar uma expressão de ansiedade.

— E o meu dromedário? — preguntou.

Eu disse-lhe que o nosso guia estava a ver se o salvava. E o Targui contou-nos como o animal tropeçára e depois rebolára para a torrente, e êle atrás, a querer segurá-lo. Tinha batido com a cabeça numa pedra. Dera um grito e não se lembrava de mais nada.

— Como te chamas?

— Eg-Anteouen.

— A que tribu pertences?

— À tribu dos Zel-Tahat.

— Os Zel-Tahat são os servos da tribu dos Zel-Rhelâ, os maiores nobres do Hoggar, não são?

— São — responden êle, olhando para mim de través. Parecia que preguntas tão precisas, a respeito do Hoggar, não lhe agradavam.

— Se não me engano, os Zel-Tahat estão instalados na encosta sudoeste do Atakor. Que andavas tu a fazer tão longe, de vossos percursos habituais, quando te salvámos a vida?

— Ia, por Tit, para In-Salah.

— E que ias tu fazer a In-Salah?

Ia dar resposta, quando de súbito o vimos estremecer violentamente. Tinha os olhos fixos num ponto da caverna. Seguimos-lhe o olhar: era o ponto onde se encontrava a inscrição rupestre que, uma hora antes, tamanha alegria dera a Morhange.

— Tu sabes o que aquilo é? — preguntou êste com súbita curiosidade.

O Targui não proferiu palavra, mas passou-lhe pelos olhos um clarão estranho.

— Sabes o que é? — insistiu Morhange. E acrescentou: — Antínea?

— Antínea — repetiu o homem.

E calou-se.

— Respondes ou não respondes ao capitão? — gritei eu, sentindo-me tomado de uma cólera singular.

O Targui olhou para mim. Cuidei que ia responder, mas o olhar tornou-se-lhe duro. Percebi que, debaixo do véu, as feições se lhe tornavam rígidas.

Morhange e eu voltámo-nos. À entrada da caverna, arquejante, estafado de correr uma hora sem proveito, acabava de surgir Bu-Djema.

CAPÍTULO VI

INCONVENIENTES DA ALFACE

No momento em que Eg-Anteouen e Bu-Djema se encontraram cara a cara, pareceu-me surprender, tanto no Targui como no Chaamba, um estremecimento, que logo ambos reprimiram. Não foi mais que uma impressão fugitiva, mas que me fez tomar a resolução de interrogar o guia, quando eu estivesse só com êle, àcêrca do nosso novo companheiro.

Estavamos cansados. Determinámos passar ali a noite, à espera de que as águas baixassem de todo.

Logo que acordei, quando ia marcar na carta o itinerário do dia, Morhange veiu ter comigo. Notei que parecia um pouco embaraçado.

— Daqui a três dias estamos em Shikh-Salah — lhe disse eu — talvez mesmo depois de àmanhã, se os camelos andarem bem.

— Pode ser que tenhamos de nos separar antes — disse êle.

— Porquê?

— Porque eu modifiquei um pouco o meu itinerário. Antes de ir a Timissao queria fazer uma pequena investigação no interior do Hoggar.

Franzi as sobrancelhas:

— Que nova idea é essa?

Ao mesmo tempo os meus olhos procuravam Eg-Anteuen, que tinha visto na véspera, e alguns momentos antes, conversar com Morhange. Estava muito sossegado, a concertar uma sandália. Não levantou a cabeça.

— É isto — explicou Morhange, cada vez mais embaraçado. Disse-me êste homem que há inscrições análogas àquela em cavernas do Hoggar ocidental, que ficam próximas do caminho que êle tem de seguir para ir para a sua terra. Tem de passar por Tit. Ora de Tit a Timissao, por Silet, talvez não haja trezentos quilómetros. É um percurso quási clássico; e metade mais pequeno que o que eu teria de fazer de Shikh-Salah a Timissao. Como vê, êste motivo entra também um pouco na minha resolução...

— Um pouco? Muito pouco — repliquei. — Mas é uma resolução definitiva?

— É.

— E quando conta deixar-me?

— Tinha interêsse em fazê-lo hoje mesmo. O caminho por onde Eg-Anteuen entrará no Hoggar encontra-se com êste a umas quatro léguas daqui. Eu até queria pedir-lhe uma coisa.

— Queira dizer.

— Era que me desse um dos dois camelos de carga, visto que o Targui ficou sem o dêle.

— O camelo que traz as suas bagagens é tão seu, como o dromedário em que monta — respondi, friamente.

Ficámos uns instantes sem falar. Morhange, pouco à vontade, mantinha-se silencioso. Eu examinava a carta. Por tôda a parte, mas sobretudo lá para o Sul, as regiões inexploradas do Hoggar apareciam em grandes manchas brancas, no meio do bistre das montanhas supostas.

Por fim eu disse-lhe:

— Dá-me a sua palavra de que, depois de ter visto essas famosas grutas, irá direito a Timissao por Tit a Silet?

— Porque pregunta isso?

— Porque, se ma der, e, já se vê, se a minha companhia lhe não fôr desagradavel, acompanho-o. Não faço questão de mais ou menos duzentos quilómetros. Vou ter a Shikh-Salah pelo sul, em lugar de ir por oeste.

Morhange olhou para mim com ar comovido.

— Porque faz isso?

— Meu querido amigo, — era a primeira vez que eu lhe chamava assim — tenho um sentido que no deserto se torna extraordinàriamente agudo: o sentido do perigo. A pesar de tôda a sua sciência rupestre, afigura-se-me que não faz idea bem clara do que é o Hoggar e dos encontros que por lá pode haver. Prefiro não o deixar expôr-se sósinho a certos perigos.

— Mas eu levo um guia, — objectou êle com a sua adorável confiança.

Sempre de cócoras, Eg-Anteuen continuava a concertar a sandália.

Fui direito a êle.

— Ouviste o que eu disse ao capitão?

— Ouvi — respondeu êle serenamente.

— Eu vou com êle. Separamo-nos de ti em Tit. Disporás as coisas de modo a nos levares até lá sem transtôrno. Onde fica o sítio onde propuzeste ao capitão conduzi-lo?

— Não fui eu que lho propuz, foi êle que mo pediu — observou friamente o Targui.

As grutas onde estão as inscrições ficam a três dias de marcha para o Sul na montanha, no princípio o caminho é difícil, mas depois muda de direcção e chega-se fàcilmente a Timissao. Há bons poços, onde os Tuaregues Taitok, que são amigos dos franceses, levam os camelos a beber.

— E tu sabes bem o caminho?

Encolheu os ombros. Nos olhos passou-lhe um sorriso desdenhoso.

— Se já o andei vinte vezes!

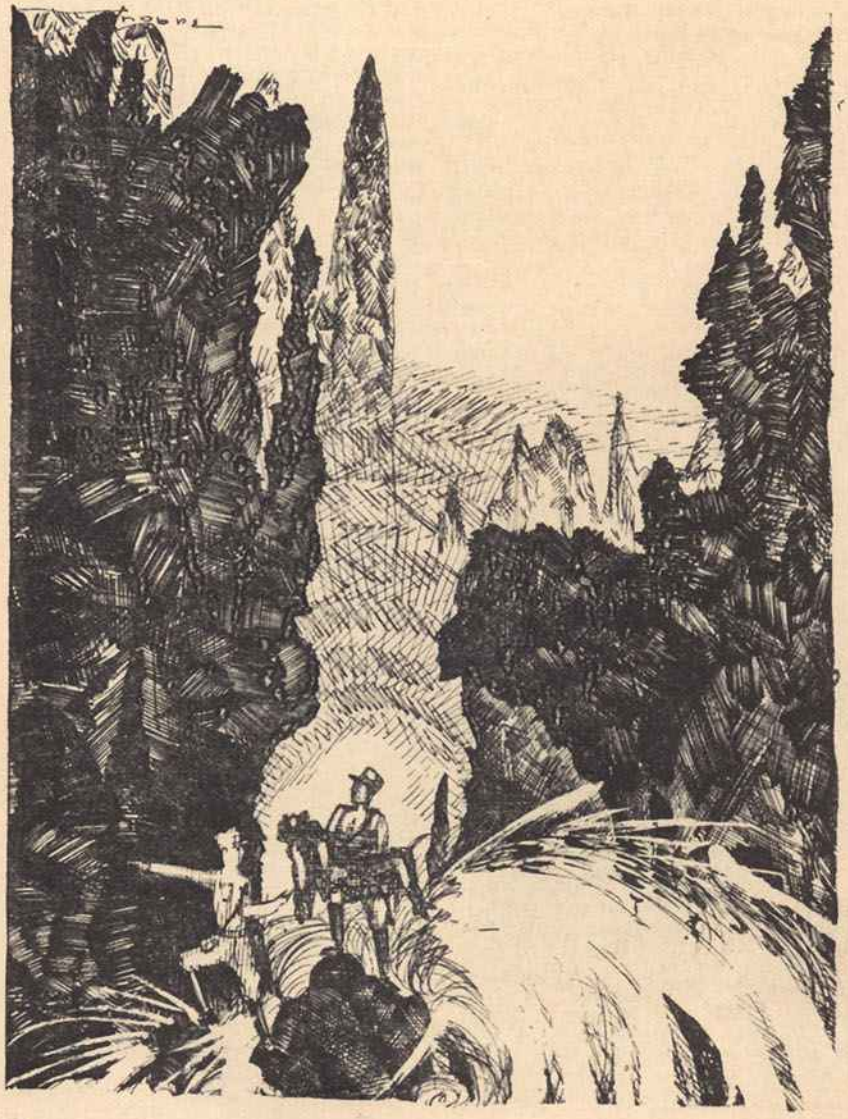
— Então vamos!

* * *

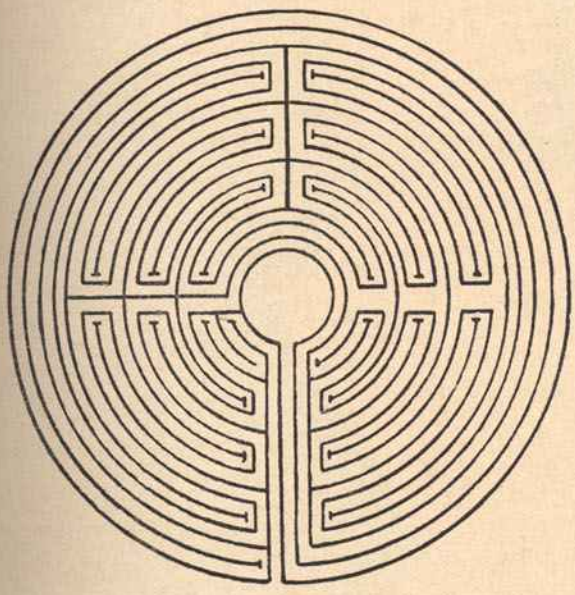
Caminhámos durante duas horas, sem eu trocar palavra com Morhange. Via com tôda a clareza que era uma loucura metermo-nos tão levianamente pela região menos conhecida e mais perigosa de todo o Saharà. E dêste Hoggar temível que teem partido, nestes últimos vinte anos, todos os tramas que teem pretendido opôr-se ao progresso dos franceses no Saharà. Mas eu aderira espontâneamente àquela imprudência, e agora não havia que voltar atrás.

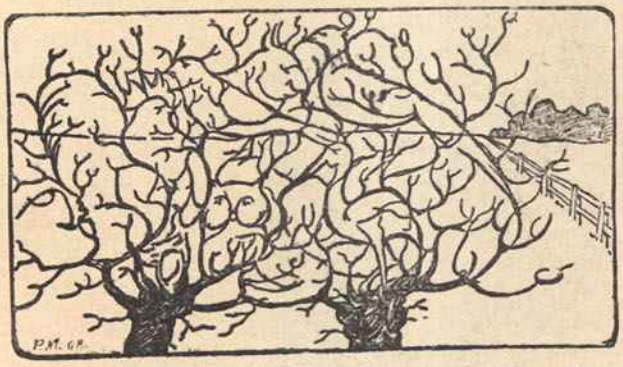
De que me serviria estragar a minha resolução, com mostras contínuas de mau humor? E demais não podia deixar de reconhecer que o geito que ia tomando a nossa viagem não era para desagradar. Eu tinha, desde aquele instante, a tentação de que íamos caminhando para alguma coisa nunca vista, para alguma aventura assombrosa. Não é impunemente que se anda meses, anos, pelo deserto: mais tarde ou mais cedo, êle acaba por empolgar-nos, aniquila, tanto êle acaba por empolgar-nos, aniquila, tanto ao oficial valente como ao funcionário tímido; desfaz-lhes a consciência das responsabilidades. Que haverá por detrás dêsses rochedos misteriosos, dessas solidões uniformes, que teem feito morrer, sem realizar seu intento, os mais valentes desvendadores de mistérios? Vai-se para diante digo-to eu, vai-se para diante.

(Continua)



LABIRINTO





Quantas são as aves que se encontram aqui e como se chamam?

— Conheces o Neves? O que aquêle homem bebe, é extraordinario. Um exemplo: no outro dia, eu quiz absorver tanta quantidade de água como êle de cognac. Pois bem! No fim de duas horas êle estava perfeitamente e eu estava embriagado.

ENTRE BOHEMIOS

— Digo-te que é uma sensação indiscritivel deixar-se a gente ficar na cama e tocar a campaínha para chamar o criado.

— Bravo! Chegáste a esse luxo! Tens um criado!

— Ainda não; por ora tenho só a campaínha.

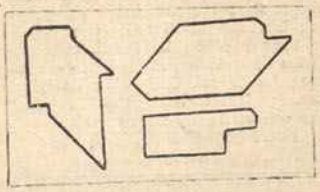
Uma criada, acabada de chegar da sua terra, apresenta-se n'uma casa para servir e começa logo a enumerar as suas diversas qualidades:

Trabalhadora... aceiada... desembaraçada... etc.

E tanto quere exagerar, para convencer bem, que acrescenta por fim:

— Olhe, minha senhora, na ultima casa onde estive, de manhã antes de todos se levantarem, já eu tinha limpo a sala e o escritorio, arrumado os quartos e feito as camas.

QUEBRA-CABEÇAS



Dividir estas três figuras, cada uma delas em três pedaços, e com os nove pedaços assim feitos construír uma mesa.

OS ERROS DE DESENHO

(Solução)

Olhando atentamente para o desenho, depressa se reconhecia serem cinco os erros cometidos:

1.º — As folhas de miosotis substituiam as folhas das violetas.

2.º — As folhas das violetas substituiam as folhas das dálias.

3.º — As folhas das dálias substituiam as folhas dos miosotis.

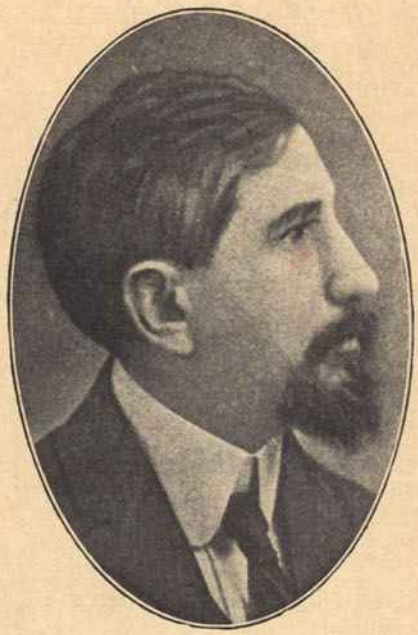
4.º — As duas dálias, branca e encarnada, deviam ter sido colocadas sôbre duas hástes diferentes.

5.º — Os botõesinhos ligados ao ramo de dálias pertenciam ao ramo de miosotis.

O MARIDO: — Diz aqui êste escritor que as mulheres mais feias é que são as melhores esposas.
A MULHER: — Queres dizer com isso que eu sou feia?
O MARIDO: — De modo algum, minha querida!

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

CHARLES MAURRAS



Companheiro de Léon Daudet nos mesmos campos de batalha intelectuais e políticos, uma grande parte das novas gerações francesas (no estrangeiro, como, por exemplo, entre nós, também as doutrinas de Maurras são seguidas com entusiasmo) considera-o seu mestre supremo e apóstolo iluminado das ideas contra-revolucionárias. A polémica, a dialética, a crítica literária e bem assim a discussão de todos os grandes problemas do nosso tempo, teem constituído os sucessivos, quando não simultâneos, temas da sua pena rítmica e vigorosa, de formação heleno-latina. Tocando todos êsses aspectos, eis as obras principais que tem dado a lume: Jean Moréas, *seu trabalho de estreia, em 1891;* Le Chemin de Paradis; Anthinéa; Les Amants de Venise; L'Avenir de l'intelligence; Idées royalistes; Pour Psyché; La Politique Religieuse; Quand les Français ne s'aimaient pas; Athènes Antique; Le Conseil de Dante; La Démocratie Religieuse; Romantisme et Révolution; Le Mystère d'Ulysse; L'Allée des Philosophes; e Ironie et Poésie.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ABARD (PAUL) — *Le bonheur en amour.* 10 fr.
ALBERT-MARY — *Courrier d'Auvergne.* 10 fr.
ALCAN (LAURENCE) — *Clarisse Auberi.* 12 fr.
ALGIR (CLAUDE) — *La machine à tuer la guerre.* 10 fr.
ARNOUX (ALEXANDRE) — *Rencontres avec Richard Wagner.* 12 fr.
ARMANDY (ANDRÉ) — *L'île de corail. Le Nord qui tue.* 10 fr.
AUBARÈDE (GABRIEL D') — *L'injustice est en moi.* 12 fr.
ALBERTY (PIERRE) — *Le Jardin d'Eros.* 20 fr.
ARTANNES (PIERRE) — *Le crime de la Pierre Fiche* ou *La hantise du passé.* 10 fr.
AYME (MARCEL) — *Aller-Retour.* 12 fr.
AUDOUX (MARGUERITE) — *L'atelier de Marie-Clara.* 3 fr. 50.
BAGRE (JEAN) — *La tradition.* 12 fr.
BERNANOS (GEORGE) — *Les amants de Verdun.* 12 fr.
BERTRAND (LOUIS) — *L'infante.* 3 fr. 50.
BAZIN (RENÉ) — *Les trois peines d'un Roussignol.* (Coll. *Adolescence catholique*). 7 fr. 50.
BEDEL (MAURICE) — *Jérôme, 60.º latitude Nord.* 12 fr.
BELIARD (OCTAVE) — *La petite fille de Michel Strogoff.* 15 fr.
BOISSIÈRE (ALBERT) — *Que la terre est petite et que le ciel est grand!* 12 fr.
BENDA (LUCIEN) — *La trahison des clercs.* 12 fr.
BERNANOS (GEORGES) — *L'imposture.* 12 fr.
BEUCLER (ANDRÉ) — *Le pays neuf.* 12 fr.
BRIERE (A.) — *Barques dans la nuit.* 10 fr.
BRUMEL (M.-G.) — *Aux îles Sous-le-Vent de Tahiti et ailleurs.* 12 fr. 50.
BARTEL-NOIROT — *Petite amie du Mourillon.* 12 fr.
BLASCO IBAÑEZ (V.) — *La Horde.* Trad. do espanhol por G. Hérelle. 7 fr.
BALKIS — *Guérir.* 12 fr.
BARRE (ANDRÉ) — *Don Juan s'amuse.* 12 fr.
BERTIN (M.) — *Voyage au pays des défauts.* 7 fr.
BLOCH (JEAN-RICHARD) — *Forces du monde.* 18 fr.
BRIDGES (T.-C.) — *La Croisière du Vengeur au cœur de l'Afrique.* Trad. do inglês por Suzanne Clot. 22 fr.
CHERAU (GASTON) — *La maison de Patrice Perrier.* 7 fr.
CURWOOD (J.-O.) — *L'aventure du capitaine Plum.* 12 fr.
CURWOOD (J.-O.) — *Les chasseurs d'or.* (Bibliothèque de mes fils). 60 fr.
COIPLET (ROBERT) — *La onzième heure.* 12 fr.
CHUZEVILLE (JEAN) — *Légende de la montagne et de la steppe.* Contos inéditos russos. 7 fr. 50.
COURTOIS-SUFFIT (MAURICE) — *La tête, ma prison.* 12 fr.
CAMUS-DAUTIGNY — *Il y a des gens qui sont vernis.* 8 fr.
DELSUC (PIERRE) — *La rude nuit de Kervizel.* 10 fr.
DESBOIS (MARCEL) — *Cerisette.* 10 fr.
DRAULT (JEAN) — *Mon raid au paradis rouge.* 10 fr.
DORSENNE (JEAN) — *Les amants sans amour.* 12 fr.
DANEMARIE (JEANNE) — *La solitaire.* 12 fr.
DANIEL *Rops* (H.) — *Un vent dans da la nuit.* 15 fr.
DAHL (ANDRÉ) — *Le soleil ne se leva pas.* 3 fr.
LÉO DARTEY — *Au lac d'amour.* 12 fr.
DAVIGNON (HENRI) — *Le vieux Bon Dieu.* 12 fr.
DUNOIS (DOMINIQUE) — *Leurs deux visages.* 9 fr.
DU GENESTOIX (MAGDELEINE) — *Enfants de la France lointaine.* 20 fr.
DYS (ROGER) — *Combat de coqs*, ou *Célestin Lambot* 12 fr.
DYSSORD (JACQUES) — *Joé* ou *La Découverte du vieux monde.* 10 fr.
EGGE PETER — *Hansine Solstad.* (Trad. do flamengo para o *Cabinet Cosmopolite*). 21 fr.
FERVAL (CLAUDE) — *Thérèse et son fils.* 12 fr.
FLORIGNI (R.) e ARZAC (G. D') — *L'Amant de l'ingénue.* 3 fr. 50.
GOLL (IVAN) — *Le Microbe de l'or.* 12 fr.
GAUMENT e CE — *J'aurais tué.* 12 fr.
GROS (GASTON) — *L'accoucheur prédestiné.* 10 fr.
GREEN (JULIEN) — *Les clefs de la mort.* 40 fr.
HARDY (THOMAS) — *Jude l'obscur.* Trad. do inglês por Firmin Roz. 12 fr.
HELLER (MAXIMILIENNE) — *Les hommes de proie.* 12 fr.
HERMANT (ABEL) — *Le char de l'État.* 12 fr.
JALOUX (EDMOND) — *La Descente aux enfers.* 25 fr.
JALOUX (EDMOND) — *Sur un air de Scarlatti.* 50 fr.
JOUGLET (RENÉ) — *Frères.* 12 fr.
KESSEL (J.) — *Quatre contes.* 25 fr.
KENNEDY MARGARET — *La Nymphe au cœur fidèle.* 12 fr.
LA ROCHETTE (J.) — *Juliette d'Esprée.* 9 fr.
LA TOMBELLE (HENRY DE) — *L'Agonie des Hêbreaux.* 10 fr.
LE FRANC (MARIE) — *Grand Louis L'Innocent.* 10 fr. 50.
LABRUYÈRE (RAYMOND) — *Janine.* 12 fr.
LAISANT (ALBERT) — *Magojana, le maître du secret.* 10 fr.
LE BORGAN (ALPHONSE) — *Les lois cruelles.* 12 fr.
LEFEBVRE (LOUIS) — *La Baraque.* 9 fr.
LUCAS (WILFRID) — *La Route de Lumière.* 12 fr.
LEBLOND (MARIUS-ARY) — *La Damnation.* 10 fr.
LA HIRE (JEAN DE) — *Le Sphinx du labrador.* Col. ilustrada: Voyages lontains, aventures étranges. 1.º vol. 2 fr. 50.
LAURENT (LAURENT) — *La rançon.* 12 fr.
LETRAZ (DE) e DESTY — *Un homme, deux femmes.* 10 fr.
LORIN (MARCEL) — *Faisons les fous.* 10 fr.
LEMAIRE (M. T.) — *Le secret des cheveux bleus.* 10 fr.
MORTIER (ALFRED) — *La queue du diable.* 10 fr.
MANN (HEINRICH) — *Mère Marie.* Trad. do alemão por Ralph Lepointe. 15 fr.
MAC ORLAN (PIERRE) — *Rue Saint-Vincent.* 20 fr.
MAZELINE (GUY) — *Piège du démon.* 12 fr.
MOREL (JACQUES) — *Par un chemin détourné.* 12 fr.
MANN (THOMAS) — *Liliane et Paul.* 25 fr.
MARSAN (MAURICE DE) — *Maud, demoiselle de cinéma.* 10 fr.
MERCEREAU (ALEXANDRE) — *Evangile de la bonne vie.* 12 fr.
MEREJKOWSKI (DIMITRI) — *Julien l'Apostat. La Mort des dieux.* 12 fr.
MOLHAC (PIERRE DE) — *Le Trianon de Marie Antoinette.* 15 fr.
NARBONNE (BERNARD) — *Mallena.* 12 fr.
NOURY (NELLY) — *Comment se perdent les femmes.* 12 fr.
PALACIO VALDÉS (ARMANDO) — *Le roman d'un romancier.* Trad. do espanhol por Madame Tissier de Mallerais. 15 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22$00	43$00	84$00
Registados	24$40	47$80	93$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49$00	96$00
Registados		53$80	105$60
INDIA, MACAU E TIMOR		53$00	104$00
Registados		57$80	113$60

	Semestre	Anual
ESPANHA	47$00	92$00
Registados	51$80	101$60
BRASIL	52$00	102$00
Registados	61$60	121$20
ESTRANGEIRO	63$00	124$00
Registados	72$60	143$00

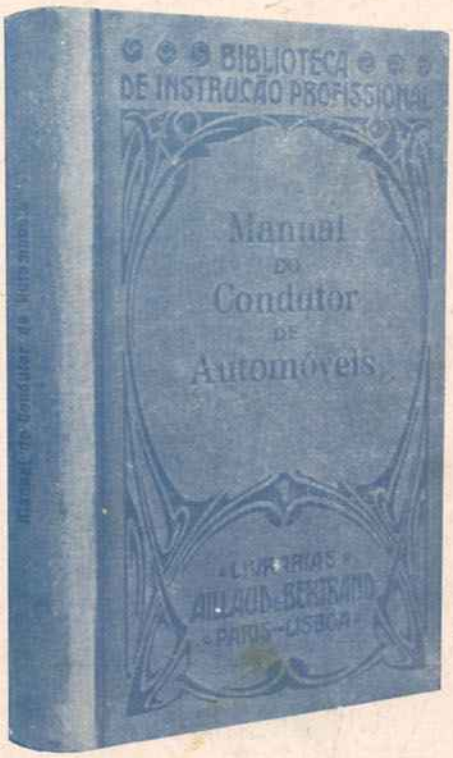
NUMERO AVULSO 4$00

SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND

CADA NÚMERO (AVULSO) ESC. 1$50

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS

RECOMENDA-SE



ÊSTE MANUAL

COMO IMPRESCINDIVEL PARA A SUA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, POIS CONTÉM A

Discrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gazolina, arrefecimento do motor, principios de electricidade e inflamação. Orgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chássis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabélas, legislação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

UM VOLUME DE 664 PÁGINAS ENCADERNADO EM PERCALINA

ESCUDOS 24$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA